

# GUAYANA

JORNAL SCIENTIFICO,

POLITICO E LITTERARIO.

REDIGIDO POR ACADEMICOS



A sabedoria esparze como chuva  
abundante a sciencia, e a luz  
da prudencia, e glorifica aquelles  
que lhe são dedicados.

BIBLIA—ECCLESIASTICO.

PRIMEIRA SERIE.



S. PAULO.

TYPOGRAPHIA 2 DE DEZEMBRO

DE

ANTONIO LOUZADA ANTUNES.

1856.

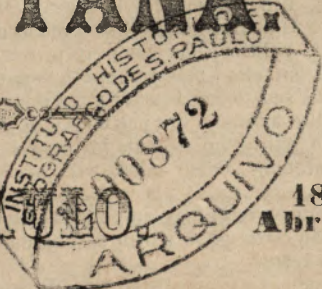
*offerecido ao Instituto Historico  
de S. Paulo pelo socio  
A. Piza*

# O GUAYANÁ

N. 1.  
1.ª Serie.

S. PAULO

1856.  
Abril 30.



869.4

## INTRODUÇÃO.

Perigrino!—vai alem teu caminho de romagem!

Vai!—que o futuro te aguarda com suas lampadas de ouro e com suas coróas de flores!—a madrugada com seus hymnos de amor, e o ceu com suas estrellas de prata!

E' bem certo que tu, filho Brasileiro, vivias escondido no fundo de nossos corações—como os coraes virgens na crypta dos mares. E' bem certo que tu, isolado e desconhecido, deslisavas por sobre as alcátifas da innocencia, nas perfumosas margens do Piratininga, prelibando as auras da manhan, que se embalsamavam no calice das flôres, ou sorrindo ao sol da tarde, que se atufava nas almofadas de purpura do poente!

Mas que importa?

A tua appareição é semelhante á um sorriso de venturas rociando de luz as sombras de nossa vida;—é como essa voz profetica do coração entrevendo as portas auritroseas do Paraizo!

Eia!—Não reccies manchar a pureza de tuas vestes na dedalica viagem da sciencia; nem que o pó do caminho empane o luzimento e lindeza de tuas galas, ou os abrolhos te rasguem as veias, onde referve o sangue estremeccendo de vida!

Inda és tão jovem! Apenas ensaias os primeiros passos da vida, e balbucias as primeiras palavras da infancia!

Mereces indulgencia!

Não és a palmeira gigantesca com o seu cocar de verduras varrendo as planicies do ceu, apenas—mimoso arbusto, que alenta-se de vida nas lagrimas d'aurora!

Não és o Briareu da fabula, nem o colosso que por ventura pousasse um pé no oriente e outro no occidente, com um dos dedos roçando nos palacios da eternidade, e com o outro enterrado nas profundezas do mar!—és apenas a hemrocalia do valle—modesta—desabotoando á sombra do regato!

Precisas de mãos disvelladas, que te preparem o caminho da vida, e do sol da indulgencia, para que te aqueças com seus raios beneficos.

E porque não o terás?

Se alguma vez, em tua perigrinação, ouvires o pio do mocho poisado nos galhos do chorão do cemiterio, as mais das vezes rosas e jasmins tapisarão tua passagem, risos e esperanças o teu caminho!

Se o scepticismo de alguma alma, adormecida nas decepções da vida, roçar com seu bafo impuro a tua fronte virgem, despresa-o—que a tua missão é grandiosa e humanitaria, e o futuro alem—te aguarda. E o futuro é essa virgem, trajando roupas inconsuteis, onde só penetra o olhar do Creator!—ou esse manto de nuvens brancacentas, que rompe-se ás myriadas luminosas do sol da eternidade!!

Vai, perigrino!—desflora caminho da romagem, que o ceu te bafeja de esperanças, e a Patria te promette uma coróa de glórias!

Forte contendor dos principios da sciencia, luctador zeloso das liberdades, o GUÁYANÁ, filho virgem dos bosques, saberá amalgamar o espirito e o coração, e por sobre as pedras do ecletismo moderno levantar o perystillo derrocado do templo da politica, não como o proecto ancião, de cujos labios borbotam axiomas e verdades, mas como o jovem que embriaga-se no mystico perfume da sciencia, sem todavia poder absorvel-o quanto lhe cabe no coração.

Não lhe anima a van pretensão de esvoaçar n'esses paramos transcendentes, onde scintillam es mais brilhantes pharões da intelligencia, antes conhece que balbucia—como a infancia, porem já cheia de vida, de crenças e de convicções.

La fora as ventanias empestadas do indifferentismo te aguardam. Affronta-as. Não envergarás a frente, ungida nas benções do ceu, e perfumada nos jardins da terra!

Vai pois, GUÁYANÁ, filho predilecto de nossos corações.

Oxalá que remaneças na senda do jornalismo—como o regato sereno em varzea de flores, ou—como o canticato matutino sussurrado pelas musicas ethereas do Paraizo por sobre os taboleiros folhudos da primavera!

Perigrino—vai alem teu caminho de romagem!

## Idéas politicas.

### I.

Todas as formas de governo são legitimas, quando são a expressão das necessidades do povo que tem de reger.

As theocracias das primeiras épocas da vida da humanidade forão tão legitimas, como as democracias que hoje se cocebem possiveis.

As formas democraticas da Grecia forão a expressão das necessidades das épocas em que viverão.

A realza Romana, a ter existido, teria sido uma instituição adaptada a seus tempos, bem como essa republica, que encheo o mundo com seu nome e seu dominio.

O mesmo Imperio—sombrio, melancholico e afflietivo, como o morrer de uma época, foi uma necessidade, e senão, como explicar uma existencia de seculos?

O feudalismo, interrogai-o, e vereis que, a despeito de todos os seus vicios tem a razão sufficiente de sua existencia em uma circumstancia da época em que viveu.

As monarchias absolutas representarão um papel importante na civilisação, tiverão uma missão a cumprir, ali está a historia para o provar.

A monarchia constitucional representativa, termo immediato á monarchia absoluta na progressão do desenvolvimento social, está em sua época, é a representante dos necessidades da actualidade.

A republica, forma de governo, a mais perfeita que o homem pode conceber, será uma necessidade do futuro.

Todas as formas de governo, repitiremos, são legitimas quando são a expressão das necessidades do povo que tem de reger.

### II.

Se as instituições politicas exprimem necessidades de uma época, obrigação somente essa época; e quando as necessidades houverem mudado, as instituições mudarão com ellas.

O presente é pois obrigado pelas instituições que o regem—o futuro reserva-se o direito de reger-se como lhe convier.

D'aquí resulta, que todas as formas de governo são tranzitorias, e tão tranzitorias como o são os graos de desenvolvimento da civilisação dos povos.

No dia em que uma forma de governo puder reputar-se não tranzitoria; puder acreditar-se a perfectibilidade ultima das formas de governo, nesse dia o homem terá deixado de ser progressista.

O caminhar da sociedade através do tempo, quer acontado pelos vendavais das revoluções, quer tranquillo pelo campo da paz, é um caminhar logico; esgotado um termo da progressão em que marcha, deve entrar no termo immediatamente seguinte.

Saltar por sobre este para um termo longinquo é um caminhar sujeito á funestas consequencias.

Se porem ha perigo para a sociedade em fazel-a caminhar mais rapidamente do que deve, não menos, perigo ha em fazel-a parar, quando a necessidade lhe diz que caminhe.

Conservar em excesso, importa reformar em excesso—são extremos, nelles reside o vicio, e no plano enclinado em que caminhão, tropeça-se frequentemente com sanguinolentas revoluções.

Entretanto, esse excesso tem sido constante nas grandes modificações sociais, e d'aqui resulta a justificação das revoluções.

E com effeito! quando exgotados os elementos de vida, que um termo da progressão social pode dar, a sociedade quer passar ao termo seguinte, não o consegue sem grande esforço.

D'esse esforço nasce uma oscillação, que arrasta a sociedade para alem do ponto em que devia parar, e reage reconduzindo-a ao ponto d'onde partio—e só depois d'esta oscillação é que para no novo termo da progressão social.

Na revolução franceza temos um exemplo d'essa oscillação. A França necessitava passar da monarchia absoluta para a constitucional. A monarchia absoluta resistio, porque queria viver; e quando a França se desprendeo d'ella, oscillou, e nesse oscillar foi de encontro ás taboas da guilhotina do terrorismo, e reagio á encontrar os degrãos do throno despota de Napoleão.

E' uma fatalidade—mas tem sido um facto constante na historia. Entretanto essas oscillações tem sido fecundas em resultados beneficos para a civilisação.

É com effeito! em que termo da progressão social estariamos nós hoje, se não fóra Lutherio, e a revolução franceza?

Debruçai-vos ás bordas do tumulo do passado, interrogai as ossadas daquelles que percerão nas guerras religiosas, ou forão victimas da guilhotina da revolução, e perguntai-lhes se o sangue, que verterão, foi perdido para a liberdade dos povos, e ellas vos dirão que não.

### III.

Em toda a sociedade ha um poder que manda; sem elle a sociedade é impossivel.

Bossuet o disse—«onde não ha quem mande, todos mandão; onde todos são senhores, todos são escravos.»

Na ordem politica ha dous elementos—a liberdade e a autoridade.

A sã politica é aquella que busca aliar estes dous elementos, porque é d'essa aliança, que nasce a ordem, a harmonia social.

Estes dous elementos—a liberdade, e o principio de autoridade, quando isolados dão em resultado o despotismo;—a autoridade o despotismo de um; a liberdade, despotismo de todos.

Quando coexistem, mas de modo tal que o principio da autoridade predomina—a liberdade é precaria—e a sociedade está ás portas do despotismo.

E quando nessa coexistencia predomina a liberdade—a autoridade é vacillante—não pode realizar seu fim—é nulla, e a sociedade está prestes a transpor os umbraes da anarchia, que é o despotismo de todos.

Um justo equilibrio pois entre a liberdade e o principio de autoridade, é o meio unico de firmar a ordem na sociedade.

O principio de autoridade deve tirar seu prestígio da força moral, e nunca do arbitrio;—para isso cumpre que elle não transponha as raías de sua esphera e obre visando sempre o justo equilibrio, que deve existir entre elle e a liberdade.

Esta, deve fundar-se na observancia religiosa dos direitos de todos, para ser obtida a observancia dos direitos de cada um—tendo como apoio e garantia, essa força moral, que o principio de autoridade representa.

Mas como estes dous elementos tendem naturalmente ao dominio absoluto—cumpre que cada um delles tenha em si a força sufficiente para que mutuamente se contenhão em seus limites.

#### IV.

Em toda a sociedade ha duas sortes de interesses, o interesse moral, e o material. Esses dous interesses devem estar sempre presentes á todos os membros da sociedade.

Aos governos cumple fornecer os meios de desenvolvimento á esses interesses; mas nesse processo não deve ser sacrificada a liberdade que elles devem ter em suas espheras de acção.

Curar dos interesses materiaes do Estado, olvidando os interesses moraes, é da parte dos governos, cumprir apenas a metade de sua elevada missão.

Possuir a necessaria viabilidade, ter desenvolvidos todos os ramos de industria material, é por semduvida uma condição de bem estar e progresso para os povos; mas não basta isso, cumple tambem, que elles sejam educados religiosa e scientificamente.

Todos os membros do Estado devem ter uma parcella de intervenção no andamento dos negocios publicos, porque elles lhe dizem respeito. E se não gozão essa intervenção, devem desejal-a.

A ausencia d'esse desejo importa o indifferentismo—e o indifferentismo quer dizer egoismo, porque quando aos membros de um Estado são indifferentes os interesses geraes, é que se achão muito preocupados com os interesses particulares.

A imprensa, a urna eleitoral e a tribuna são os órgãos pelos quaes se deve manifestar e realisar essa intervenção dos cidadãos no andamento dos negocios publicos.

E se a imprensa, a urna eleitoral e a tribuna são os órgãos pelos quaes a vontade nacional se deve manifestar—cumpre que sejam livres.

Tracemos um ligeiro esboço da historia do Brasil—e appliquemos estas idéas geraes.

#### V.

Descoberto o Brasil em 1500 é submettido ao regimen colonial até 1815. Durante esse periodo sujeita-se á esse regimen, sem que apparecesse um esforço geral para sahir d'elle; porque o grão de ignorancia em que Portugal o buscou conservar, não lhe permittia ter grandes aspirações, não lhe fazia sentir tão grandes necessidades que reclamassem nma reforma.

Entretanto a independencia dos Estados-Unidos proclamou o principio de que as colonias Americanas podião vir á ser livres.

Mais tarde, a revolução franceza, decepando a cabeça de Luiz XVI fez baquear a crença do direito divino, e os povos começaram á ter uma idéa mais precisa de seus direitos.

Napoleão faz vacillar o throno portuguez, e elle busca um refugio no territorio brasileiro, vindo com sua presença consolidar os habitos monarchicos entre nós.

Estes tres factos—a independencia dos Estados-Unidos, a revolução franceza, e a presença da Côte portugueza—operão uma modificação nas idéas dos brasileiros, e elles sentem a necessidade de mais alguma cousa do que as simples instituições coloniaes.

Variando assim as necessidades—urgente se tornava que variassem as instituições politicas. Então o Brasil é elevado a cathogoria de reino unido aos de Portugal e Algarves.

Em 24 de Agosto de 1820, a guarnição do Porto proclamma ao mundo, que Portugal obedecia ao impulso da generosa revolução franceza, e que aspirava uma forma de governo mais condigna com o grão de civilisação em que se achava.

Essas idéas liberaes achão echo no coração dos brasileiros, e o Pará pronuncia-se no sentido liberal sendo seguido logo por outras provincias.

As Côrtes portuguezas, filhas de um movimento progressista, querem fazer retrogradar o Brasil para os tempos coloniaes, insensatas! que não sabião, que se difficil é fazer parar a sociedade quando ella quer caminhar, muito mais difficil é fazel-a retrogradar!

Então o povo brasileiro protesta contra essa violação de seus direitos—e D. Pedro, que via diante de si erguer-se um imperio magestoso, abraça a causa do povo, e o ajuda a alcançar sua independencia.

A presença de D. Pedro na época de nossa independencia parece ter sido providencial. A' nós educados nas crengas monarchicas, elle nos fez passar da monarchia absoluta para a constitucional representativa.

Sem sua presença teriamos passado para a republica, quando ainda não estavamos preparados para ella—teriamos soffrido essas oscillações violentas que operão as grandes mudanças sociaes.

Entretanto com elle ou sem elle, a independencia se teria effectuado; por que quando uma idéa é concebida e amadurece nas regiões do pensamento, tende á objectivar-se, á buscar uma realisação pratica no mundo externo, e a idéa da emancipação já havia amadurecido para os brasileiros.

Se porem não soffremos as violentas oscillações que operão as grandes mudanças sociaes, não deixámos todavia de sentir algum abalo.

O reinado de D. Pedro I—é a época de organisação, e de lucta entre o novo e o velho regimem; o Imperador commetteo o erro de inclinar-se para este;—o paiz exigio d'elle uma expiação, e elle a prestou no dia 7 de Abril de 1831.

Seguiu-se a época da regencia. Foi um periodo fertil em grandes acontecimentos: o Acto Adicional é filho d'essa época, e pode ser reputado uma medida salvadora, porque as provincias exigião uma esphera de actividade propria, um quinhão na partilha das liberdades publicas.

Concluamos.

## VI.

Queremos para o Brasil a monarchia constitucional representativa, não por que seja ella o ideal das formas de governo, mas por ser aquella que está na idade actual do povo brasileiro, e que satisfaz á suas necessidades presentes.

Entendemos, que todos os principios de nossa constituição politica e Acto Adicional devem ser escrupulosamente realidados.

E sendo a tendencia de tudo conservar tão pernicioso, como a de reformar desordenadamente, entendemos, que todas aquellas reformas, que as necessidades reclamarem, devem ser realizadas.

Julgamos a centralisação politica uma necessidade, porque sem ella desapareceria a unidade do imperio.

Entendemos porem, que na ordem administrativa deve ser conferida ás provincias toda aquella somma de liberdade, que não fôr incompativel com a integridade do imperio, e a harmonia no andamento dos negocios publicos.

Entendemos que a autoridade deve ser forte, mas queremos que essa força lhe resulte da lei harmonisada com a constituição, e não do arbitrio.

Entendemos que o governo não deve ter a mais pequena influencia eleitoral—porque essa influencia seria falsear o systema constitucional representativo.

Entendemos finalmente que a administração da justiça, e a educação publica devem ser dadas gratuitamente á todos—e á todos garantidas.

Taes são nossas idéas politicas.

*Cortines Laxe.*

## Perspectiva do Brazil.

### CONSIDERAÇÕES.

E' uma idéa geralmente recebida de todos, que se tem já elevado á subida cathegoria de uma verdade axiomatica—o futuro brilhante, que aguarda o nosso Paiz no grande proscenio da historia: á todos se afigura que o Brazil está prestes á transpor o liminar do templo da civilisação para ahí consagrar seu nome á me-

moria da posteridade; a imaginação da mocidade — embalada por illusões fagueiras, e exaltada pela fascinação da gloria que lhe sorri no futuro, há dado á esta idéa tal grão de maguitude e incremento, que parece demaziada temeridade de nossa parte animarmos-nos á aventurar algumas considerações sem outro merito mais do que attenuar esse entusiasmo, e restituir a verdade toda sua luz — offuscada aqui por um brilho apparente e enganador; despidino-nos entretanto de idéas recebidas sem maior exame e criterio, e contemplando com os olhos da razão o estado de nosso Paiz, não trepidamos dizer que a realidade está infelizmente longe de corresponder á esse quadro de risonha perspectiva, que tem o poder de despertar o entusiasmo ardente e vivificante no peito de nossos jovens patricios. Não queremos entretanto ir de encontro á opinião geral: antes reconhecemos, e somos o primeiro á justificar e sanctificar esse nobre entusiasmo, que quando menos é a expressão genuina e espontanea de grandes e patrióticos sentimentos, que deve abrigar o coração de todo Brasileiro: — mas não nos cegue elle a ponto tal, que julgemos o estado actual de nossa patria, como a ultima razão da perfeição.

Não occultemos os males, que a affligem: cumpre antes de tudo examinal-os e prescrutal-os com religioso estudo para applicar-lhes remedios promptos e salutareos: o contrario seria um contra-senso igual ao do medico, que para não molestar ao doente, lhe não indagasse a enfermidade, e o deixasse perecer por criminoso desleixo, e innação. O bem da patria não pede o sacrificio da verdade: antes ella lhe é do mais subido interesse e utilidade, porque vem acclarar o espectáculo de suas necessidades, e marcar assim a senda, que ella deve seguir com segurança para a consecução de seu fim, e realisação completa de seu desenvolvimento e perfeição cabal.

Delinêe muito embora a mocidade a imagem radiosa da gloria pendente com corões de louros sobre sua frente; phantasic muito embora o porvir brilhante e magnifico, que lhe reserva a Providencia: forme embora gigantescos projectos, que devão em seus calculos — elevar a patria á subida condição das grandes nações, que avultão na scena da historia contemporanea: tudo isso será inutil, todos esses sublimes esforços da intelligencia serão infructiferos, se não se amoldarem á realidade, e não aferirem ás formulas imprescriptiveis da razão: — amanhã talvez virá a luz da verdade desvanecer todas essas illusões, e arrancar-lhe a venda dos olhos!

Então um sinistro espectáculo se desdobrará ante suas vistas, e lhe trará á alma dolorosos sentimentos de profundo pezar: uma amarga realidade lhe fará esquecer seus planos quimericos de grandeza e de progresso, e uma inacção esteriladora desconcertará os calculos mais bem combinados.

A mocidade trocará então os hymnos faustosos da alegria por dias tristes e dolorosos, e lamentará a condição de seus semelhantes condemnados á longos annos da duras provanças e iniciações para attingir o fastigio da civilisação: então quem sabe? ella comprehenderá, que amargor de fel esconde o fundo do calix da existencia, que seus labios libão apenas hoje — no meio ainda de inebriantes prazeres.

Não somos anachronicos; nem queremos dar á nossas palavras o accento de madura reflexão, que mal comporta nossa inexperiencia. Temos porém para nós, que a observação attenta e reflectida pôde em parte suprir com alguma proficiencia os dados da experiencia, e deixar-nos entrever algumas verdades, que escapão aos olhos do homem superficial e distrahido.

Um de nossos distinctos compatriotas disse-o já em um opusculo politico de não pequena nomeada: (\*) « *Mal julga do Brazil quem pretende aquilatar a sua civilisação pelo que observa nas povoações do littoral e em algumas cidades do interior.* » Com effeito quem poderá olhar para a perspectiva do Brazil, sem que uma dor pungente, um desanimo frio se lhe apoderem do espirito? Quem não descobrirá em nossa sociedade — o germen occulto de um mal, que a mina surdamente, e que ameaça e compromette altamente o nosso futuro? Ensoberbece-se o joven inexperiente e inconsiderado com o espectáculo brilhante de nossas cidades do littoral, extasia-se diante da civilisação emprestada e vestida á Europeá, que ellas reflectem, — e nao attenta que o Brazil não se limita

(\*) *O Bom Senso* — por \* \* \* : Rio de Janeiro 1849; pag. 5.

só a isso, e que é antes de tudo esse interior inculto, onde não penetrou e nem circula ainda a seive fecunda da civilisação, e a luz vivificante da intelligencia; esse immenso corpo entorpecido e sem vitalidade, que ahí vegeta obscuramente no seio da indolencia e da ignorancia. Que contraste doloroso e triste apresenta o aspecto de nosso Paiz! Ao passo que nessas soberbas cidades do littoral se ostenta altiva uma requintada civilisação, que alardea emular com a dos povos mais cultos, o nosso vasto interior desconhecido e desprezado ahí jaz atrazado seculos na carreira do progresso, como simbolisando uma pagina viva, que a Providencia nos reservou, dos nebulosos tempos do despotismo colonial.

Um escriptor resumio toda phisionomia caracteristica de nosso Paiz, quando disse: « *A Europa do seculo 19 e a America do seculo 13, é o que compõe a sociedade Americana.* » Tivemos já occasião de o apreciar devidamente, e cumpre não dissimular a verdade por um mal entendido espirito de nacionalidade, fira ella embora o nosso amor proprio de Nação civilisada: o genuino patriotismo não pôde jamais antipathisar-se com a verdade: nós o diremos sempre, embora nos dêa isso intimamente:—o interior de nosso Paiz offerece ao observador imparcial um quadro lastimoso e profundamente desagradavel ostentando em pleno seculo 19, e á face das luzes da civilisação—uma ignorancia tradiccional e um atrazo espantoso, que mal se compadece com nossa cathegoria de Nação culta; o desenvolvimento da intelligencia é nenhum, nenhuma a vida do espirito: por toda a parte a miseria, a indigencia mesmo muitas vezes alimentada pela mais crassa ignorancia, que tudo estirilisa, tudo esmorece.

Os habitantes de nossos sertões vivem sepultados na escuridão das trevas,—sem que lhes chegue um raio de luz para dissipal-as: parece, que isolados e destacados de nossa sociedade, elles estão condemnados á verem seus dias se succedem—sem jamais lhes ser dado participarem do movimento da época, que em seu caminhar lento e compassado não chegotu ainda á alcansal-os. O Brazil soffreu mudanças diante delles, fez-se independente, apregôa-se hoje civilisado: e esses homens em que estado se achão? Immoveis no sey antigo posto, sem que se lhes communicasse a revolução, o movimento, que ao redor delles se operou, e que nos trouxe uma nova vida.

O seu fanatismo pelo passado sóbe ao ponto de lamentarem esta mudança, e estigmatizarem-na vehementemente—por ter acarretado consigo, segundo elles imaginão, a postergação e aniquilamento de todas as grandes virtudes, de todas as acções generosas, que só podião produzir esses tempos patriarchaes, que se tornão hoje incompatíveis com a nova geração, que impellida nas azas do tempo corre veloz á succeder-lhes.

A' vista do sensível atrazo, que se observa ainda em nosso Paiz, e mais ainda da nenhuma cultura, que apresentão as nossas mais afastadas povoações do interior, não sabemos, se podemos dar com segurança a cathegoria de Nação civilisada ao Brazil: esculpulisamos em fazel-o, pois que tememos faltar a verdade—abalancando-nos á uma proposição, que nem está em nossas convicções, e nem pôde caber á um Paiz, que se acha ainda envolto nas fachas da infancia, e que começa apenas á abrir os olhos á luz: em verdade um epitheto tão honroso ficaria mal applicado á um territorio immenso, cuja maxima parte está ainda despovoadada, ou quando menos occupada apenas aqui ou ali por uma população escassa, e que nem se quer conhece os commodos da vida civilisada.

« A civilisação, disse-o ainda á pouco o Sr. de Lamartine, é a athmosphera de um povo: » e que quer isto dizer? Quer dizer, que para merecer os fmos de civilisado, um povo necessita antes de tudo ter uma somma de luzes disseminada por todas as classes, que se estenda á todas as veias do corpo social, e que não esteja apenas concentrada nesta ou naquella fracção diminuta, que não constitue a totalidade da Nação: quer mais dizer que para ataviar-se com o pomposo titulo de civilisado,—um Paiz precisa, como condicção indispensavel, ter uma tal ou qual illustração, que seja dominio de todos seus habitantes, e que esteja igualmente inoculada na massa da população mais ou menos compacta. E poder só-há com verdade dizer, que estes requisitos dão-se no Brazil?

Lance-se uma rapida vista d'olhos sobre o interior de nosso Paiz, e ver-se-há estendido por todo elle o manto escuro da ignorancia—apenas matisado aqui ou ali por uma pallida luz—quasi sumida na escuridão geral:—nem se pense ser isto imaginação anuviada ou immoderado desejo de carregar as cores do quadro;



o que aqui dizemos, é infelizmente o fiel transumpto da verdade, que se revela facilmente á todo aquelle, que despido de preconceitos e prevenções contempla com olhos imparciaes o estado de nosso Paiz; e nem encheríamos n'isso um phenomeno inexplicavel: esse estado desolador tem raizes profundas no nosso passado, e firma sua base na ordem de cousas mesmo de nosso presente. Atletas do passado, os velhos habitantes de nosso Paiz, que representão outra era, e que são hoje um vivo anachronismo com as idéas do seculo, não soffrerão mudança alguma em sua condicção, e abi permanecem firmes e immoveis em seu antigo posto, como os continuadores do tempo colonial tão proverbial em sua ignorancia: a nossa independencia foi, é verdade, um acontecimento politico de grande importancia e consequencia social, mas não de vibração tal, que quebrasse inteiramente com nosso passado, e que repercutisse no seio longinquo de nossos desertos com força tal, que derribasse o imperio da indolencia e da ignorancia para abi levar a vida e a animação da intelligencia.

Não queremos, e nem nossa tarefa o comporta, sacrificar a verdade para lisongear indevidamente nossa vaidade de Nação civilisada; é forçoso dizel-o: o interior de nosso Paiz está ainda muito longe de apresentar em seus costumes e usos o quadro da civilisação: absorvidos nos cuidados fadigosos da vida material, os seus habitantes deixão o seu espirito e intelligencia perecerem em completo abandono, e a dignidade do homem se apaga aos poucos em sua frente com o assento sinistro da ignorancia.

A Sociedade, é uma verdade reconhecida pela experiencia de todos os dias, é que faz e constitue o homem, porque é o primeiro elemento de seu desenvolvimento, o meio mais effizaz de cultivar o seu espirito, e eleva-o á altura de seu nobre fim: fóra de seu circulo elle não encontra um estímulo, um movel poderoso, que desperte e anime sua actividade, e lhe alimente a vida do espirito e da intelligencia, que deve sempre assistir seus passos. Arrancae-lhe a Sociedade: o incentivo de seus talentos e de seu merito desaparece, e com elle o theatro de suas acções, e de suas virtudes talvez.

Vêde pois á que condicção estão condemnados os infelizes habitantes dos sertões de nosso Paiz: adstrictos á terra, como o servo da gleba, seu genero de vida os força á viverem retirados e isolados—apartados quasi de communicação com a Sociedade e de seu beneficio influxo!

Parece, que desherdados das vantagens e dos beneficios da civilisação, elles devem apenas viver para simbolisar o primitivo estado do homem: não ha relações, não ha laços, que os prendão á esse grande todo da humanidade, em que circulão com animação a vida, a intelligencia e a actividade, que não pôdem assim estender sua acção até elles.

E porque vehiculo irião ellas communicar-se á essas povoações afastadas, cujo accesso parece até feixado ao commercio? Porque meio se abririão esses desertos á conquista pacifica do homem civilisado para abi levar a luz da intelligencia, e esclarecer essas regiões mergulhadas na ignorancia? Nosso Paiz está ainda muito atrazado: o homem não fixou ainda n'elle o sello de sua mão omnipotente: a natureza virgem e intacta desdobra-se ainda á seus olhos; rasguemos essas matas: descorticemos esses cauxpos, e estabeleçamos um sistema vasto e aperfeçoado de viabilidade, que leve o osculo da civilisação á nosso interior.

E' essa a primeira necessidade de nosso Paiz: as estradas são, na phraze de um escriptor, como as veias no corpo humano: por ellas circula a vida, a seive e a riqueza das Nações: sem ellas tudo se entorpere, e paralisa-se. Quem poderia calcular a somma immensa de vantagens e de beneficios, que proviaão ao nosso Paiz, se em vez de consumir-se quasi em uma só Cidade do Imperio as rendas da Nação, que todas se esgotão em folguedos e regalos, que enervão os costumes—favorecendo a molleza, e se esvaccem como o sopro sem deixar de si o mais leve vestigio, ou resultado algum perduravel; que prodigios, disemos nós, não farião essas sommas enormes, se o patriotismo as votasse para satisfazer as verdadeiras e primordiais necessidades de nosso Paiz—promovendo os melhoramentos materiaes, que na ordem natural precedem sempre os moraes, e dotando nossa Patria com vias de communicação aperfeçoadas e convenientemente regularisadas? Não seria esse o destino unico e legitimo, que se deveria dar aos dinheiros da Nação, que vemos hoje esbanjados para affogar em

pueris divertimentos uma Cidade, como se fôra aquella humilde servidora e escrava d'esta?

Porque a civilisação não emprestará seu braço, sua força á esses filhos regeados, que sua malfadada sorte condemna quasi ao supplicio da vida barbara?

Vêde como elles soffrem fóra do gremio da Sociedade: sem actividade; sem industria, se encontrão sós e isolados diante da natureza virgem e rebelde ainda ao mando do homem: sentem a nullidade e impotencia de suas forças diante de seu poder, que triumphava sempre de sua vontade, fazendo-a curvar ao seu imperio. Sem os vastos recursos da intelligencia e os exforços da Sociedade constituida, não se conseguiria avassalar a natureza e domar os elementos. Só os recursos da sciencia, e os seus progressos e descobertas pôdem conseguir esse resultado. Sem esses meios efficazes o homem succumbe sempre sotoposto ao pezo de um poder immenso, de uma força superior, que aniquila sua acção, e o lança em um estado de indolencia e desanimo tal, que desconcerta todos os calculos do orgulho humano.

O isolamento e a solidão—sem a alternativa de frequencias de Sociedade, podemos dizel-o com segurança, é talvez o maior dos males para o homem, por que é o que mais se oppõe, e impede seu legitimo desenvolvimento e perfeição. A ausencia completa de relações conduz á ignorancia, á asperesa, á barbaria, quando não é acompanhada de resultados mais funestos.

Digão lá o que quizerem os espiritos sentimentalistas e românticos, deixando-se arrastar por suggestões de uma imaginação annuviada: a Sociedade, mesmo cercada de todo cortejo de immoralidade, que sua phantasia lhe empresta, não fica sendo menos uma necessidade da natureza humana apezar de suas sentidas declamações: ellas se perdem sem effeito, e a necessidade indeclinavel de viver no meio de seus semelhantes continua ainda como uma condição indispensavel e essencial ao desenvolvimento do homem, porque só n'ella pôde este realisar o seu destino, que se tornaria uma quimera, retirado do seu seio: o contrario é uma utopia, uma extravagança d'esses poeticos adoradores da simples natureza, que, seguindo a escola sentimentalista de Rousseau, preconisão o estado primitivo do homem—como a idade d'ouro, como a mansão feliz e pura da innocencia e da candura: esses espiritos quererião trocar as conquistas gloriosas, que para o estado de civilisação actual accumulário á custa de penosos sacrificios os seculos e as gerações passadas, pelos tempos tenebrosos da ignorancia e da infancia da humanidade! Vãos delirios da imaginação, que servirão quando muito para proter, que todas as *condições do homem, por mais simples que sejam, apresentão a sua felicidade particular*; como se exprime o Sr. Ahrens.

Uma digressão, que não estava em nosso proposito, arrastou-nos apezar nosso, e interrompeo o fio de nossas idéas: procuremos atal-o.

Sem a Sociedade, diziamos nós, o homem degenera-se, e desce consideravelmente da altura, que occupa na ordem da creação: a intelligencia cede o lugar á ignorancia, e esta vêm lançal-o na inercia, na indolencia, d'ahi em um estado humilhante e repugnante á sua dignidade. E' o que vemos realisar-se no interior de nosso Paiz, que apresenta o quadro deploravel de uma geração, que nasce, cresce, e morre, sem que seus dias sejam assignalados por um passo progressista, sem que se alitere o seu estado estacionario e invariavel.

E é esse espectáculo sinistro de desolação, que quereis converter—armados de bellos principios e seductoras theorias—em quadro de risonha perspectiva, como se a Sociedade fôra uma taboazaza para receber em toda sua plenitude as vossas utopias?

X A alavanca unica, com que se poderia acertadamente mover; o recurso unico, de que se poderia com proficuidade lançar mão, é uma ironia amarga entre nós, uma verdadeira burla, que só serve para promover e sancionar os maiores abusos, manejada como tem sido até hoje pelas mãos da ignorancia: quereimos fallar da religião. Seria este o unico meio effiaz de illustrar essas massas incultas e erguel-as do estado de degradação moral e intellectual, em que as prostrou a ignorancia.

Entretanto essa sublime instituição, a unica capaz de regenerar-as, e eleva-las á altura de sua racionalidade, e restituir-lhes a nativa dignidade, tem sido, e é para nossa desgraça um instrumento nas mãos da mediocridade para fins profanos e indignos: fallamos só a linguagem da experiencia, dizemos aquillo, que nossos

olhos tem constantemente presenciado. Fazendo a mais inteira justiça á essas excepções honrosas, diante das quaes nos curvamos com respeito, e que com o prestigio de suas virtudes enobrecem a sua classe, não podemos deixar de revelar uma verdade, que pôde talvez despertar susceptibilidades:—pago entretanto este tributo de consideração e deferencia, podemos sem timidez affirmar que a religião abdicou para os homens da terra o seu caracter de santidade para cubrir-se com o manto da fragilidade humana; nós a vemos adoptar tendencias oppostas ao seu fim, desviar-se de sua missão, e isso não lhe augura por certo um futuro lisongeiro.

Estamos convencidos, que só um clero moralizado e illustrado—intimamente compenetrado de seus elevados deveres, pôde com proficuidade servir no Brazil a causa da civilisação; só seu braço poderia chamar para o gremio da Sociedade as populações afastadas de nosso interior, e inicial-as nos são principios de uma moral esclarecida.

Mas por uma fatalidade inconcebivel, que persegue em tudo nossa Patria malfadada, tem-se vagamente sentido essa vital necessidade, sem que se trate de occorrer-lhe com medidas adequadas.

Entretanto essa necessidade, que as circumstancias do Paiz reclamão impetuosamente, já o foi sentida nas altas regiões da corôa, chegando até a ser expressada ao corpo Legislativo na falla do throno de 3 de Maio de 1851, e alguns passos se derão mesmo n'esse sentido.

Os vai-vens da nossa politica porem não permitem jámais um plano regular e uniforme de administração, e ella corre sempre de mãos em mãos sem nunca poder adoptar uma marcha seguida e harmonica, que só pôde trazer-nos os beneficios e vantagens, á que o Paiz tem incontestavel direito.

N'aquelles mesmos, que mais interessados devião ser n'essa reforma, domina o mesmo silencio, a mesma apathia quasi. Apenas um ou outro de nossos dignos Prelados se tem compenetrado d'esta verdade de subido alcance para o futuro da religião no Brazil, sem que comtudo dem aquelles passos acertados, que aconselhaõ a illustração e a sã prudencia. Por uma direcção erronea e tortuosa do espirito religioso se tem entendido, que a unica fonte limpa é o estrangeiro, e que só d'ahi nos pôde vir a virtude e a moralidade, quando o mal, dil-o o bom-senso e a experiencia, está em outro ponto, que se tem desprezado, e á que cumpre seriamente attender.

Não seria muito mais acertado e conveniente crear-se um curso de sciencias ecclesiasticas para os que se destinassem ao serviço da religião? Essa instituição a que se prendem decididamente serios interesses, teria a duplice vantagem de rehabilitar o nosso clero do estado de decadencia e aniquilamento, á que o condemnou sua mesma ignorancia, e de abrir para o povo uma fonte de perenne felicidade, porque a moralidade e religião esclarecida são as primeiras condições do progresso e prosperidade legitima dos Estados.

Nem pareçõ nossas idéas extravagancias nascidas de mal cabido sentimento, que bem pelo contrario somos o primeiro em regeital-o. Não podemos com verdade negar a influencia do clero e do elemento religioso sobre a moralidade dos povos: a religião tem sempre merecido de todos os Legisladores a mais serria attenção, e todos a tem consagrado em seus codigos; o proprio Machiavel o reconheceu, e sabemos que em seu sistema elle a reduzia ao papel de um meio politico.

O sacerdote de seu lado não exerce menos influencia sobre a felicidade dos povos; elle se acha em immediato contacto com a massa da população: ninguém dirá, que seja o Estadista, o Philospho ou o homem de letras, quem se incumba de ensinar ás classes infimas e miseraveis a palavra da civilisação: só o sacerdote penetra na choupana do pobre para illumina-la com os raios da fé e da virtude: só elle se senta ao lado do homem inculto e desfavorecido da fortuna para cobri-lo com o manto da religião. Mas esse quadro de sublime primor, diante do qual o homem pára respeitoso, e curvado ao pezo da veneração, parecendo ler uma pagina do Ceo, quão longe está de corresponder entre nós á realidade? Ide ali á qualquer de nossas villas ou cidades do interior: percorrei o pessoal de nosso clero, e dizei-me depois com a sinceridade da convicção—o que vistes, o que observastes! Corramos um véo sobre essas fraquezas da natureza humana. . . elles são nossos irmãos, são homens: hão de forçosamente

pagar tributo á contingencia e imperfeição congenita comnosco!! o interesse tem já transposto as avenidas do templo do Senhor, e penetrado até o recinto sagrado!! Por toda a parte o homem e sempre o homem!!

Assim essa instituição, que parecia destinada á realizar entre nós um novo Eden, trocou-se por uma realidade sinistra e amarga, que contrista profundamente todo coração, que não perdeu ainda o aroma dos sentimentos naturaes.

Quem contemplará sem magoa este triste e infeliz estado do Brazil? Que mão caridosa o hade salvar d'este torpor mortifero, que desalenta ainda o espirito mais bem intencionado?

Parece que tudo conspira contra nós: a politica, que devia intervir para tomar a gloriosa iniciativa n'essa grande obra de regeneração, ahí está tão bem desvirtuada, desviada de seu nobre fim—reduzida á tudo aquillo, que os homens querem que ella seja: a politica veste todas as formas, apresenta todos os caracteres, reflecte todas as cores: eis o degradante papel, á que a reduzio a inversão de todas as leis moraes.

O espirito da época parece ainda vir em apoio d'essa obra de destruição. Não há crencas, não há fé, não há confiança em causa nenhuma: a virtude mesmo não merece o culto do homem: um materialismo, que penetrou até as veias da Sociedade, condemnou-o á viver sepultado apenas nos mesquinhos interesses da chamada vida pratica ou positiva sem nunca elevar o seu espirito até as noções do justo e do bem: isso é relegado para o paiz das chimeras, e ai d'aquelle, que se atreve, no meio do indifferentismo gelado do seculo, á revelar alguma dedicacão pela virtude, ou pelas idéas absolutas da justiça: hoje a vida se limita ao melhor arranjo de interesses ephemeros e pessoas, e o mundo em sua prepotência esmaga e aniquila tudo que não apresenta o sello de sua sancção!

Esse o característico da época, e á ninguem é dado romper a cadêa dos seus crencas e costumes de seu tempo: o homem reflecte sempre a Sociedade, em que está, e não pôde elevar-se ácima d'ella: o genio mesmo não é senão a encarnacão, o resumo talvez dos elementos n'ella existentes. Nada pôde escapar á essa lei, e por isso em nosso Paiz, cuja phisionomia caracteristica é (como nos parece em toda a parte) moldada por esse espirito da época, nenhum homem apparece, que concentre em si apenas a abnegação e o heroismo da virtude; e se algum ha, a quem a natureza tenha favorecido com esses dons, como (digamos em honra da dignidade humana e da verdade) realmente os há, esses nobres sentimentos, essas nobres idéas ficão condemnadas pelas conveniencias da Sociedade á morrerem confinadas no mundo interno sem poderem traduzir-se em actos.

Chamar-nos-hão utopistas, visionarios; embora! não diminue isso em nada as nossas convicções, e nem a boa vontade perde de seu preço por se não poder realisar. Não aceitamos a nossa ordem de cousas actual, como a ultima razão da Sociedade constituida: encheremos ahí males profundos e radicaes: mas não importa isso dizer, que somos utopistas, e que queremos encher um abysmo com um sonho (\*). Contemplamos com dor o pungente expectaculo de nossas cousas: conhecemos, que só difficilmente se o poderá converter em quadro de apparecia lisongeira.

A nossa obrigação porem não é desanimar e estacar indifferente diante do mal, que se nos apresenta: a inação e o desanimo não tem lugar, quando falla o dever. Julgamos, que com desejo sincero e espirito recto alguma cousa de util e de proveitoso se poderia fazer para melhorar a sorte de nossos co-irmãos.

Que-nos profundamente, que em quanto o povo geme na miseria e na indigencia com preterição da satisfacção de suas mais palpitantes e imperiosas necessidades venha ainda uma mão de ferro exploral-o mais, despojal-o do fructo penoso do seu trabalho, e atiral-o no chão da miseria! E isto para que? Para satisfazer vaidade humana, para enthronisar o imperio dos sentidos, sustentar o sto, e regalar em cantos—em alegres folguedos, em brilhantes theatros—em calcas magnificas—em deslumbrantes illuminações—e em sumptuosos edificios o povo do Rio de Janeiro, que esgota o nosso sangue e nosso trabalho na sustentacão de um luxo abominavel, que tudo nos absorve com insaciavel voracidade.

Pois que! A Justiça Divina fez os homens para dar á uns os gozos dos pra-

(\* ) Lemos e. expressão em alguma parte.

zeres e da civilisação—regalando-os em uma vida commoda e facil—e fazer pezar sobre outros a dura lei do trabalho material, expondo-os aos rigores do tempo, e condemnando-os á regarem a terra com o suor de seu rosto para fertilisal-a e arrancar de seu seio o pão para alimentar-se?

Talvez algum dia caião sobre ti, Cidade orgulhosa, as maldições severas de nossos vindouros—como a punição merecida dos males, que hoje vossa loucura nos inflinge! Talvez a posteridade te peça dura conta do que fizestes com o fructo de nossas fadigas, com o sangue de nossas veias!

Somos um povo livre e independente com igual direito aos bens do Estado, e entretanto se nos diz com a palavra irreplicavel da realidade, que devemos ao Rio de Janeiro a seive de nossa vida e o sangue de nossas veias. O melhor de nossos capitaes, o mais precioso de nossos productos—resultantes de onerosos impostos, tudo se consome na bella empreza de divertir essa Capital orgulhosa, affogal-a em prazeres sem que uma vista compassiva ao menos se lance sobre os males, que affligem o Paiz.

Sob as formulas da apregoada liberdade de hoje nós descobrimos uma condição dura e pesada, um despotismo talvez, que só poderia achar igual nos tempos da colonia; a acção preponderante do governo se estende á tudo: sua influencia aniquiladora apparece em toda a parte, e absorve tudo. Elle não se limita á acção lenta e efficaz, que demanda todo principio director, e á legitima influencia, que lhe impõe o dever; vai além: envolve-se nas formulas do liberalismo e das garantias, e descarrega seu braço invisivel, onde quer que seus olhos descubraõ motivos de descontentamento.

Não amaldiçoamos a Sociedade: quem a amaldiçoa, não a comprehende, diz o Snr. de Lamartine: mas não podemos suffocar a voz, que nos brada no peito, e que se ergue insensivelmente como um grito de desabafo diante da imagem sombria e melancolica do mal, que nos opprime. Nenhum sentimento infenso ou odioso nos anima; apenas o amor da verdade, e o instincto mesmo do patriotismo, despertado pelo aspecto lugubre de nosso Paiz, nos inspirão essas reflexões, que se não levão consigo o cunho da madureza incompativel com o verdor de nossos annos, reflectem pelo menos uma convicção profunda, uma vontade sincera e dedicada, que só almeja e suspira o melhoramento de nosso Paiz, a regeneração da Sociedade por meio de medidas pacificas, lentas, e opportunas, que cumpre adoptar para não perecermos no meio d'este torpor fatal e criminoso, que compromette o futuro de nossa Patria, paralisa as forças do espirito, e lança o homem—talhado para um fim tão nobre—na degradação da ignorancia e do vicio, apagando de sua frente o sello da razão, que ennobrece sua natureza.

São esses os nossos votos mais ardentes: possão elles encontrar êcho no peito de nossos patricios, e despertar a scintella do patriotismo, que dorme no fundo de todo coração Brasileiro!

S. Paulo 2 de Março de 1826.

### Ligeiras idéas sobre Jurisdicção em materia Internacional.

No Direito internacional a materia, de que vamos tratar, é uma das mais difficeis, mormente se é considerada pelo lado dos conflictos que tempredido, em consequencia de se não precisarem bem as idéas encerradas no direito de jurisdicção, muitas vezes menoscabado pelas nações poderosas, e illudido pelos sophismas da diplomacia. Tratando de objecto de tanta importancia, não temos a louca pretensão de collocar as cousas em seu verdadeiro pé, não, seria demasiado orgulhosa semelhante tentativa, quando pennas mais habeis que a nossa, que hoje faz a sua estreia, tem já com brilho trilhado esta senda: que nos apenas emittir tambem a nossa opinião sobre este direito considerado em si mesmo, e indagarmos quaes as excepções admittidas e acceitas pelas nações nesse respeito; e qual o seu limite relativamente aquelles que, pelo consentimento tacito das nações, exercem e gosão de jurisdicção.

Tocando pois na primeira questão, cumpre-nos primeiramente tudo, senão

definir, ao menos dar uma idéa do que se entende por jurisdicção, para depois vermos o fundamento e utilidade deste direito soberano.

A palavra jurisdicção vem das latinas *jus et dicere*, e abrange não menos do tres accepções: ora se toma pelo direito de julgar e applicar as leis aos diversos factos particulares; ora pela extenção territorial, em que o juiz exerce as suas attribuições, e outras vezes pelo proprio tribunal que julga. Se se encarão as materias sobre que pôde versar, pôde-se dividil-a em criminal, civil, commercial e administrativa.

Assim pois comprehende este direito soberano os meios os mais importantes de um estado, como facilmente se deprehe de do que levamos dito. Tirai ao estado o poder de exercel-os, privai-o deste direito, que o fim que lhe é imposto por sua natureza jamais poderá ser conseguido: a sua soberania se desvanecerá como a neve ao sopro do nordeste; as facções substituirão a ordem; a autoridade perderá sua força; a anarchia tomará o seu imperio desabrido e destruidor. Supponde agora por um momento que uma nação venha se envolver nos negocios internos de nma outra, e queira, com o intuito de proteger os seus subditos, cassar as sentenças, que forão lavradas contra estes. Então vos direi sem medo de errar: a nação, que se deixa reduzir a tal estado, não merece os foros de livre e independente, está sob uma verdadeira tutela, que a levará ás bordas de um precipicio, secando-lhe as fontes mais vitaes. Os direitos de independencia e soberania absolutos e inherentes a natureza tanto do homem, como dos seres moraes que chamamos nações são violados e desconhecidos. Outro tanto se pôde dizer de todos que tem n'estes o seu fundamento: tal é o direito de jurisdicção. A igualdade, a admitida semelhante doutrina, desaparece completamente assim como todos os outros direitos absolutos, o que seria absurdo, e flagrante quebra de dignidade, senão um crime, o supportal-o.

Para nós que cremos na independencia e soberania das nações, na ignaldade como dogma, o direito de jurisdicção é sagrado; pois de que servirão as leis, que tem por fim manter a harmonia da sociedade, se não podessem ser applicadas, sem o beneplacito estrangeiro? E' pois uma necessidade o exercicio deste direito, que emana directamente da soberania, a qual jamais se pôde deixar de exercer sem violação da dignidade nacional, acompanhada de grande falseamento dos princípios de direito publico universal. Este direito se estende a todos que habitão o mesmo territorio; comprehende em sua amplitude quer nacionaes, quer estrangeiros. Estes não estão mais isentos que aquelles; não se pôdem subtrahir ao imperio das leis do paiz, em que tem domicilio, pois que submettem-se voluntariamente a condição de completa obediencia ás leis, sem o que jamais nação alguma, tendo dominio eminente em todo o seu territorio, lhes franquearia a entrada, dando-lhes o mais hospitaleiro acolhimento, e a mais generosa, protecção, como geralmente se observa nos paizes civilizados, onde o estrangeiro não é mais o *hostis* dos antigos Romanos.

Não se nos diga que, admittidos estes principios, torna-se nullo o dever que o Estado de proteger os seus subditos, em qualquer parte que se achão. Longe e nós semelhante idéa, damos a diplomacia um honroso e nobre papel: cumpre e nós velar de modo que as formulas sejam respeitadas, os tribunaes competentes, e processos corraõ os tramites prescriptos, e as leis não sejam clara e evidentemente infringidas em relação aos estrangeiros. Neste caso então reclame; e inste pela reparação. Toda justiça se acha de seu lado, pois que as leis, tendo tal caracter de generalidade, comprehendem tanto nacionaes, como estrangeiros, e não devem por isso serem calcadas a respeito dos ultimos, que, quando se vem domicilia em um paiz qualquer, confião que as leis serão executadas com justiça e equidade, e menos que o despotismo com suas garras de ferro não opprima e desconheça os mais sagrados direitos, e illuda de um modo atroz a boa fé do estrangeiro.

Não obstante o direito de jurisdicção ser o mais pleno e amplo que é possível, isto é independente de qualquer vontade estrangeira, todavia soffre algumas modificações, umas da mutua conveniencia das nações que em geral são concordes em admittil-as, visto a utilidade reciproca, que lhes provem desta practica. Seguando por a celebres publicistas, fazemos tambem tres excepções, que comprehendem as pessoas, que por seu caracter e funções a exercer são isentas de responder perante os tribunaes do paiz, em que residem temporaria-

mente. São—1.º os chefes de estado, e ministros publicos com caracter representativo; 2.º os exercitos atravessando, ou estacionando em um estado com o seu consentimento; 3.º os navios de guerra nos mares territoriaes.

A primeira excepção muito bem se póde justificar, pois que as nações se devendo mutuo respeito e consideração, haveria grandes inconvenientes, se não limitassem este direito a respeito de seus primeiros representantes, que desde épocas remotas se achão no gozo e exercicio de certa jurisdicção, que se circunscreve ao seu palacio e familia. E' verdade que a historia, no negro reverso de suas paginas, nos apresenta clamorosas infracções á esta regra, que tem sido despresada não menos de tres vezes pela vaidade e prepotencia. Assim vemos com magoa Maria Stuart, a infeliz e formosa rainha da Escossia, julgada e condemnada atrozmente por ordem de sua poderosa rival, sob frivolos pretextos; Conradino, o ultimo descendente dos Hohenstanfen, decapitado em Napoles por Carlos de Anjou; Roberto, rei deste mesmo estado, condemnado pelo imperador Henrique VII, cuja sentença foi annullada pelo Papa. Mas o que provaõ estas infracções da justiça internacional, senão o abuso da força, calcando direitos adquiridos, e desconhecendo barbara e traçoicamente o santo dever de hospitalidade? A razão reprova taes factos, o decurso dos tempos ainda não fez esquecer semelhantes actos: ainda hoje se considera a morte de Maria Stuart como uma mancha no glorioso reinado de Izabel: o sangue de Conradino deshonrou o reinado de Carlos.

Entretanto esta isenção, de que fallamos, não deve ser tal que se torne em prejuizo do estado, ella tem seu limite na ordem racional das cousas. Quando a presença de um chefe de estado se torna prejudicial e incompativel com o bem estar social, parece-nos mais conveniente mandal-o retirar, do que atacar a sua personalidade, com o que não se consegue senão atear o facho da discórdia entre duas nações amigas.

Se esta excepção se justifica pela conveniencia e utilidade internacional, não menos acontece com a segunda, que tem em seu apoio razões ainda mais valiosas. Se attendermos as difficeis funcções de um ministro publico, veremos que o seu bom desempenho seria, senão quasi impossivel, ao menos muito sujeito á ser obstado, se estes estivessem sob a jurisdicção do paiz, em que estão acreditados, por isso que se poderia facilmente commetter muitos abusos, cuja possibilidade, dado o caso de que estes não se commettessem, era bastante por si para collocar um ministro debaixo de uma forte pressão, que o perturbaria em prejuizo da nação respectiva. Reconhecidos estes inconvenientes, alim de evital-os, e dar toda a liberdade possivel as discussões, as nações civilisadas são concordes em cercar os seus representantes das mais amplas garantias, concedendo-lhes a exterritorialidade, d'ahi a inviolabilidade, e isenção da jurisdicção principalmente da criminal, que deve ser nulla, ainda mesmo no caso de ataque á segurança do estado. Mas se um ministro, esquecendo-se de seus nobres deveres, rebaixando a magestade de seu character, perturba e conspira contra o governo estabelecido, ha então o direito de defeza que falla mais alto que todos. Nesta hypothese nada mais facil que enviar-lhe os passaportes, ou sustaurar-lhe um processo, conforme a natureza e gravidade do crime, para omprovar o facto, afim de entregal-o preso ao governo de seu paiz, para ali ser punido, assim como o fez a rainha Izabel, fundada na opinião de sabios juriconsultos, com Mendosa embaixador da Hespanha, accusado de conspira contra sua pessoa.

Desta practica resultão menos males que da opposta, pois sabe-se maes as intrigas, a que podem estar sujeitos os ministros publicos, no desmenho de sua elevada missão, mormente quando tem de tratar das negociações de paz entre dous estados, em cujas discussões ha mais ou menos vehemencia, e muitas vezes produzem grande irritação nos animos. D'aqui se póde deuzir ainda uma outra razão, para cercar os ministros publicos de solidas garantias, de sorte que haja liberdade e segurança em suas discussões, e deste modo chegar-se a um accordo honroso ás duas nações, o que pelo contrario se é muito difficil, ou mesmo impossivel de conseguir-se, a menos que a força não venha impor suas exigencias descorredas e exorbitantes. Para corroborar as nossas razões temos em nosso favor a practica constante das nações, e o apoio valioso de celebres

publicistas, que condemnão Cromwel, o celebre e orgulhoso protector, por ter mandado decapitar a Pantaleão, irmão do embaixador Portuguez.

A natureza especial da organização do exercito e marinha, em que deve existir a maior disciplina, faz excluí-los. A menor infracção traz as vezes gravissimos inconvenientes, a repressão deve ser rapida para produzir o seu effeito, e dali a boa ordem, que se pôde sómente conseguir pelos proprios conselhos de guerra. Esta necessidade se tem sempre feito sentir, e para remedial-a, se tem por costume conceder a exterritorialidade tanto aos exercitos, como aos navios de guerra.

Resta-nos agora ver até que ponto o direito de jurisdicção concedido as tres excepções que fizemos, pôde extender-se. Poderá um chefe de estado, ou um commandante fazer executar uma sentença de morte em paiz estrangeiro? Eis a questão principal; tentaremos resolver-a pela negativa em outra occasião.

G. V.

**Carta de Catão a M. Bruto seu filho adoptivo,  
na vespera de seu suicidio em Utica: narra-  
lhe um sonho que teve.**

Depois d'uma noite da mais escura treva, eu vi levantar-se da parte do Oriente, e ganhar o meio do ceu uma pequena luz;— debil— ella deu-me uma vista fantastica do solo que eu calcava. Um vasto listão descrevendo em torno de mim um circulo imperfeito e de proporções gigantes, meio branco meio amarello por causa da oscillação da chamma ferio-me em primeiro lugar os olhos. Pareceu-me o muro d'uma grande cidade; cahido e fendido em muitos lugares mostrava estar abandonado: um pressentimento sinistro fez-me o coração bater; olhei fixo para sua immensa circunsferencia; nada pude conhecer, tudo estava ruinoso. O ambito que elles cercavão era quasi deserto; apenas nos cumes d'alguns montes que rodeavão aquelle em que eu me achava, a luz dando de chapa sobre branquentas paredes, fez-me ver ruinas, que pelo que deixavão a imaginação parecião ser de edificios collossaes. Fitei-as por algum tempo; nada pude conhecer. A luz depois e como de proposito, a tirar-me da incerteza afflictiva em que me achava engrandeceu-se um pouco; Bruto, eu avistava Roma: um dos corpos em ruinas era o Capitolio; alem, quasi perdida no disco immenso das muralhas, avistei a porta por onde uma só vez sahirão os Fabios, uma só, por que todos elles morrerão; a dor a mais profunda que até então hei tido ganhou-me o peito: *Deuses patrios!* exclamei eu, *é esta por ventura Roma, Roma a quem vós promettestes o senhorio do mundo? Roma deserta e em ruinas! nunes Estigios, divindades da solidão, espiritos do sonho! Roma; minha patria, quem vos reduzio a isto?*

E meus joelhos estremecerão, comecei a ver tudo esverdeado, e rodando em torno de mim; vacillei e cahi. Nada soube do que fiz em quanto os Deuses me conservarão neste lethargo; quando acordei, apertava convulsivo em minhas mãos tremulas esse punhal; elle me foi dado por meu pai; filho, disse-me elle, transmittil-o-has ao teu primogenito; este punhal é uma tradicção de familia, guarda-o, elle será um dia fatal aos tyrannos » e eu o guardei em quanto livre tive os punhos para manejar-o; a sorte mudou-se; eu o transmitto, Marco, na hora de minha morte, guarda-o como um talysman sagrado, guarda-o ainda como uma recordação das virtudes de nossos maiores. Estreitei-o em meu peito ainda por algum tempo, e olhei instinctivamente para o ceu; tudo estava escuro; uma só constellação não allumiava as abobodas celestes, o respeito que infundia o seu aspecto severo, fez recordar dos Deuses que lá existem, os Deuses são justos, e elles veem e virão todos estes horrores. Vi logo depois avançar pelo meio das ruinas uma sombra; tinha a forma d'um homem, a proporção que se foi aproximando distingui-lhe os habitos e a expressão altiva dos primeiros Romanos, a toga semelhante as de nossos maiores, rodeando o pescoço estava atirada sobre o hombro direito; marchava lenta e gravemente, pela difficuldade com que vencia terreno conheci que era a representação d'um velho; senti um grande terror ao vê-lo parar a pouca distancia e olhar-me fixamente; seu



olhar tinha porem não sei que de triste e magoado, que eu senti que ao temor succedeu em meu peito a confiança: ao principio pareceu não me conhecer depois, como que espantado, balbuciou: « *Calão..... salve o ultimo dos Romanos.* » Saudei-o e perguntei-lhe seu nome—« *Chamei-me Tacito disse, vim ao mundo muito depois de tua morte, escrevi a historia das orgias e devassidões dos Cezares, os Deuses concederão-me por isso a guarda destas ruínas.* » O nome Cezar ressoou-me pelo cerebro, como o echo d'uma trovoadá; ergui-me d'um salto, fixei o velho, e perguntei-lhe ainda: *e o que fizeram os Cezares?* elle ergueu lentamente o braço e apontando-o para as ruínas disse-me *tudo isto!* e repetiu duas vezes, *tudo isto!*

Fez-me então a historia das desgraças de nossa pobre patria; *ella será escrava, meu filho;* disse, e continuou sua marcha lenta e pesada pelo meio das ruínas; vi-o successivamente ir-se embrenhando na noite, até que de todo se confundio com as trevas. A luz tornou a sumir-se, desapareceu de diante de meus olhos este quadro triste, e eu acordei; vinhão já por este tempo apparecendo no oriente os primeiros arreboes da aurora—eu estava em *Utica*—ergui-me immediatamente do leito, que estava banhado de lagrimas—de lagrimas, as primeiras que hei derramado em minha vida.

Vesti-me com difficuldade—senti-me estranhamente abatido, tomei a minha toga e sahi para banhar-me era já dia claro; quando me debrucei sobre a fonte fiquei espantado da mudança que tinham soffrido minhas feições: aquella noite tinha-me envelhecido! Morro com a patria; Marco Bruto meu filho, para mim já não há esperanças; nasci livre; velho, não posso soportar a escravidão, e exalta que os Deuses te concedão pensar assim: lembra-te sempre, que teu pai natural era Romano, os tyrannos virão nelle um inimigo—matarão-no nas trevas depois de lhe ter lançado ignominiosos ferros; seu sangue não foi ainda vingado, e seus manes irritados esvoação ainda em roda de sua sepultura.

Resolvi terminar minha existencia, adeus, guarda esse punhal;—não me chores, só a patria merece lagrimas; pela ultima vez, adeus, meu filho, conserva intacto esse nome tão grande que te legou teu pai; morro feliz, porque ainda sou Romano.

S. Paulo 20 de Abril de 1856.

Couto de Magalhães.

## Historia Patria.

SETE DE SETEMBRO DE 1822. (\*)

*Que si les exemples de sagesse, de grandeur d'âme, de générosité, d'amour de la patrie, deviennent plus rares que jamais, c'est parce que la mollesse et la vanité de notre âge ont rompu les nœuds de cette douce et utile société que la science forme entre les vivants et les illustres morts dont elle ranime les cendres pour en former le modèle de notre conduite.*

(D'AGUESSEAU—NÉCESSITÉ DE LA SCIENCE.)

A historia é a vida da humanidade reflectida em um quadro fiel: collocada n'esse ponto, ella não se occupa senão de factos grandes e importantes, que marçãõ novo periodo na marcha do desenvolvimento das nações, e deixão um vestigio perduravel e immorredouro na vida dos povos.

Elevada pelas luzes do seculo até a alta cathegoria de—sciencia—ella não pôde jamais descer á registrar em suas paginas acontecimentos insignificantes e

(\*) *Este artigo em fundo é o mesmo, que publicamos o anno passado no n.º 569 do Ypiranga: fizemos-lhe porem consideraveis modificações, e refundimol-o todo.*

fortuitos, que nenhuma importancia e consequencia envolvem. Sujeital-a a esse papel seria desvirtual-a, fazendo-a abdicar sua nobre missão para adoptar o character de mediocre chronica.

A sciencia não caracteriza indistinctamente de facto historico qualquer acontecimento produzido pelo homem no theatro do mundo externo: ella descrimina com acurado estudo os factos estereis e insignificantes d'aquelles, que denuncião uma causa certa e determinada, que sua analyse póde verificar, e que se fazem acompanhar de consequencias significativas e fecundas.

Todas as nações, que tem a preeminencia de figurar no proscenio da historia, contão em sua vida factos assim caracterizados, que constituem seu titulo de gloria, e que lhes grangeião o respeito e a admiração dos outros povos.

Nação de hontem—o Brasil se orgulha já de ter o seu passado enriquecido com factos de subido alcance politico, e revestidos das condicções precisas para entrarem na confecção da historia universal.

N'essa ordem occupa distincto lugar a nossa Independencia politica em 7 de Setembro de 1822.

A' essa palavra só despertão-se as grandes tradições de nossa historia, e o ardor patriotico dos filhos d'essa era feliz. O 7 de Setembro só resume todas as glorias nacionaes: ao seu nome acompanhão sempre reminiscencias bem gratas e doces para todo aquelle, que sente bater-lhe no peito um coração brasileiro; á sua recordação ligão-se sempre os mais sublimes sentimentos, as idéas as mais ardentes e grandiosas. Para o jovem patriota elle se apresenta com as cores brilhantes da liberdade, que surgiu como um sol luminoso de um horizonte de trevas á trazer-nos a luz e a felicidade;—para o Ancião, que descansa já no crepusculo da tarde, elle desenha suas glorias passadas, seus dias de grandeza e de heroismo, e tem o segredo de apresentar-lhe atravez das espessas camadas dos annos o momento mais elevado de sua existencia, em que suas glorias se fundirão com as da patria, e reflectirão a luz de uma nacionalidade nascente, que se ergueo radiosa no meio nas nações americanas! Para a mocidade elle tem o poder de lhe accender n'alma a scentelha vivificante do entusiasmo, e communicar-lhe ao peito o fogo celeste do patriotismo; para a velhice elle offerece um passado de gratas recordações, que se sumio na noite dos tempos, mas que ainda hoje falla ao seu brío e orgulho, lhe suavisa os males da vida, e lhe arranca um sorriso de alegria e contentamento do meio da nuvem sombria de tristeza, que lhe poua nos labios—como a expressão de um longo e amargo soffrer nos mares da vida.

Não vamos cantar-lhe hosannas por mal entendido entusiasmo, e nem tecer-lhe encomios com o sacrificio da verdade: outra tarefa pesa sobre nossos hombros: queremos unicamente ouvir a voz augusta e sabia da razão, e com seu auxilio prescrutar as causas, que trouxerão em seu rodar lento e compassado esse successo brilhante, de que tanto se orgulha a historia nacional; depois de saciar-mos nossa sêde nas agoas puras e limpidas do bemfazejo arroio, vamos procurar a fonte benigna, que nos derrama seus dons—enebriando-nos de prazer.

Substituiremos pois os canticos faustosos do entusiasmo pela aridez da narração. A verdade nua e despida dos ornatos brilhantes da poesia não póde desagradar á aquelles, que sinceramente se devotão ao seu culto. E' ella, que procuramos servir, e d'este modo o dia 7 de Setembro. Para este grande dia a verdade é como o sol, que vem illuminar e pôr em relevo as glorias, que o assignalarão; o seu brilho é de si tão grandioso, que para fascinar não precisa esconder-se nas nuvens phantasticas da poesia nem reflectir a luz emprestada da ficção. Elle quer a verdade, que patentêie aos olhos de todos a sua grandeza, e o presente rodeiado de glorias á vista deslumbrada de seus filhos. Ella dirá que esse dia foi o protesto magnanimo de um povo, que vergado ao peso de um passado de sinistras e melancolicas recordações saudou com entusiasmo a aurora de sua libertação, e conquistou sua dignidade conculcada e desconhecida: ella dirá que esse povo gemendo sob os ferros do despotismo—animado um dia com os raios celestes da liberdade, levantou-se com a esperanza na frente e a indignação nos labios, e arrojou aos pés de seu injusto dominador as cadeas, que lhe comprimião os membros e o mantinhão na escravidão; e que esse povo cobrio-se de gloria no campo da honra—compenetrando-se heroica-

mente de seus sagrados direitos, e reivindicando-os valerosamente com o sacrificio de seu sangue e de suas vidas. Isto só basta para a gloria do 7 de Setembro de 1822—Estudemol-o sob o ponto de vista historico.

A Independencia do Brasil á 7 de Setembro de 1822 é um facto, que se prende e liga-se intimamente á todos aquelles, que o precederão no drama dos successos: elle foi preparado por uma serie encadeada e não interrompida de acontecimentos, que se desenvolverão com o andar dos tempos, e de cujo seio elle sahio como uma consequencia logica e necessaria. Para devidamente o apreciarmos—força é remontar-mos uma longa cadeia de successos, e pesquisar-mos o anel primeiro, que a constitue. Tentemol-o.

Com o intuito de dar um golpe mortal ao commercio da Inglaterra, e aniquilar a sua influencia no continente, havia Napoleão promulgado em Berlim o celebre Decreto do Bloqueio Continental, pelo qual devião todos os alliados do imperio francez fechar seus portos ao commercio inglez. A Inglaterra—para combater essa arma poderosa, de que lançava mão seu irreconciliavel inimigo, e que tão profundamente abalava seus interesses, via-se necessitada de um ponto de desembarque no continente, onde pudesse se fortificar contra o poder do vencedor de Austerlitz, e oppôr viva e efficaz resistencia aos planos de conquista do Alexandre moderno. Para que outro ponto volveria ella os olhos—senão para Portugal, a quem sua politica egoistica havia desde eras remotas avassalado até o servilismo de uma colonia? Velhos tratados de alliança ligavão esta fraca nação á prepotencia da Inglaterra, e a sujeitavão á sua omnipotencia.

Pombal havia já procurado libertal-a desse jugo vergonhoso, que tão altamente humilhava sua nacionalidade: seus esforços porem quebraram-se ante o imperio fatidico das circunstancias, e em 1807 Portugal fez na scena politica da Europa o mais ridiculo e degradante papel; alliado á Inglaterra por antigos tratados,—Portugal governado então pelo Principe Regente—D. João—treme e recua diante das ameaças e do poder colossal do guerreiro invencivel, que intimidava os povos e os reis; o Principe desorienta-se, e seu caracter pusillanime deixa entrever aos portuguezes a longa serie de males, que tem de pezar sobre sua cabeça; Lisboa é entregue aos inglezes; os subditos portuguezes abandonados ao jugo estrangeiro, e a familia real corre por ordem do gabinete inglez a salvar no Brazil as insignias da realzea.

Com este acontecimento inesperado—novo horisonte rutila para este paiz; seguindo até então a miseravel condicção de—colonia—elle vivia desprezado na alta sabedoria da côrte Portugueza, considerado apenas por ella como uma mina de ouro destinada á sustentar-lhe o fausto e enriquecer os cofres da metropole, e continuaria sepultado uas terras da ignorancia e obscuridade, se a repercucão do poder de Napoleão lhe não deparasse a felicidade de abrigar em seu seio a familia real foragida.

Chegado o Principe Regente ao Brasil, forçoso era tornal-o digno assento de tão elevado hospede. Até então elle jazia no chão do desprezo e do despotismo, e por um espirito mesquinho de monopolio commercial feixado cautelosamente ao commercio e luzes do mundo. E' essa a marcha constante e invariavel do despotismo; para manter-se, elle rodeia-se das trevas, porque só ellas pôdem favorecer a ignorancia, em que se firma a escravidão. O regimen colonial exhauria todo seu cuidado em alimentar a ignorancia no Brasil, e impedir á todo tranze a introducção de luzes, que importava o mesmo que destruição e aniquilamento do despotismo: assim as lettras nada tinham a fazer em um paiz destinado por sua natureza á ser apenas a mina da metropole; as associações litterarias—se uma ou outra conseguia formar-se—ou definhavam diante da imagem da ignorancia e da falta de animação, ou morrião suffocadas e perseguidas—pela mão de ferro do poder—como em 1794 aconteceu á Academia Scientifica do Rio de Janeiro, que havia sido fundada sob os auspicios do benemerito Vice-Rei Marquez de Lavradio, e que agora cahia victima do caracter sombrio e violento do Conde de Resende. Não havia no paiz uma unica typographia, e d'essa arte o pensamento sem esse poderoso recurso da civilização morria suffocado nas regiões da intelligencia, e o despotismo estendia seus braços de gigante na escuridão das trevas. Os meios de instrucção erão nenhuns, porque os colonos não passavão de animaes privados do dom de pensar, á quem a Providencia ne-

gãra direitos—condemnando-os á viverem perpetuamente sepultados na ignorancia.

Assim vivia uma raça inteira de homens, despresada até o vilipendio, quando a vinda da real familia em 1808 veio felizmente erguel-a do chão degradante da ignominia; tal era ainda o paiz, que convinha por assim dizer regenerar para merecer a honra de ser a residencia do Monarcha fugitivo: a presença d'este em uma colonia, que até então só conhecia os despotas e os algozes da cõrte, era facto novo e calculado para abalar a imaginação do povo; é o que se verificou: a desprezada colonia mudou de aspecto, e fizerão-se-lhe concessões e vantagens não sonhadas até então, as quaes revertirão felizmente em utilidade e beneficio do paiz, o lançarão nas vias do progresso, e prepararão-no para mais tarde receber a independencia.

Aportando na Bahia o Principe Regente por instancias do Conde da Ponte, abriu os portos do Brasil á todas as nações amigas pelo Decreto de 28 de Janeiro de 1808.—« *Decreto simples*, diz elegantemente um escriptor Francez, (\*) *mas que paiz si só continha uma revolução por acabar com o sistema colonial, e fazer a independencia do Brasil.* » Desde então plantou-se a Independencia do Brasil, porque as luzes entrarão com o commercio estrangeiro, e forão pouco a pouco afugentando a ignorancia, e d'este modo minando lenta e insensivelmente o sistema colonial, que todo se apoiava na falta de luzes do paiz, tanto que dentro em pouco não restava da colonia senão um vão simulacro, um phantasma que não tardou em desaparecer perante os progressos da civilisação e as exigencias da época.

As idéas Europeas invadirão o paiz, e depositarão n'elle o germen da Independencia: a abertura dos portos do Brasil á todas as nações amigas foi pois a primeira pedra lançada no edificio da Independencia; porque esta não foi mais do que a emancipação da intelligencia—traduzida em um grande facto social, e o primeiro passo para isso foi o Decreto de 28 de Janeiro de 1808.

Mas não se limitou só á isso o impulso, que ao florescimento e progresso do Brasil deu a vinda do Principe Regente. O genio elevado e patriotico do Ministro Brasileiro—Conde de Linhares—traduzio-se em uma serie de decretos, que completamente mudarão a sorte da despresada colonia; crearão-se todos os tribunaes necessarios para a regular administração da justiça e finanças: creou-se um banco nacional: libertou-se a industria dos laços, que a prendião em sua acção: estabelecimentos adequados se fundarão para regularisar o commercio, fabricas, etc. As typographias forão então permittidas, e as letras encontrarão um decidido apoio no governo de então—abrindo-seao publico a Bibliotheca Real com mais de 60 mil volumes, e chegando-se até a fundar um Instituto Nacional:—a agricultura foi animada e protegida: ordens se derão aos Capitães-Generaes para abrir estradas e facilitar as communicações: estabeleceu-se uma Academia Militar, outra de Cirurgia—além de uma outra para Marinha, e mais tarde fundou-se a Academia de Bellas-artes. A criação de um archivo militar, do arsenal de guerra e da fabrica de polvora forão ainda outros tantos beneficios acrescentados á aquelles, de que já gozava o paiz.

Assim o Brasil recebeu um impulso poderoso, até então desconhecido, que imprimio-lhe nova forma, e fêl-o attingir um grão de civilisação por demais elevado para ser ainda ferreteado com o epitheto de colonia: a cõrte compenetrouse opportunamente d'essa verdade, e por decreto de 16 de Dezembro de 1815 foi o Brasil elevado á cathgoria de Reino, e equiparado d'esta arte em condicção e hierarquia politica ás outras partes constituintes da Monarchia Portugueza.

O paiz não era já uma simples colonia, porem parte integrante do Reino de Portugal: fazel-o retrogradar era um impossivel, porque a civilisação não para jamais, e seria absurdo em politica pensar, que aquelles mesmos, que havião fruido as vantagens da presença de um governo central e de uma organisação politica mais ou menos aperfeçoada, se deixassem agora arrastar até a dureza do despotismo e do captivoiro.

A antiga colonia estava pois preparada para receber a Independencia, quan-

(\*) *Horacio Say.*

do ella se fizesse precisa para a manutenção do estado e vantagens, de que gosava. Antes essa idéa teria abortado por prematura, como aconteceu em 1789 em Minas, e mesmo mais tarde em 1817 em Pernambuco. A politica, do mesmo modo que a natureza, não dá saltos: n'uma como n'outra ha sempre uma ordem inalteravel, que segue seu andar compassado sem jamais precipitar-se: uma idéa não germina e não se consagra em facto social, senão depois de amadurecida pela intelligencia e sancionada pelo tempo. Acelerar a marcha dos acontecimentos, é transtornar as leis da natureza.

Taes forão as causas, que prepararão nossa emancipação politica: vejamos agora as que a provocarão e mais directamente concorrerão para sua appareição no theatro da historia.

O espirito de nacionalidade não morre jamais em um povo legitimamente conscio de seus direitos, e que os vê arrebatados pela mão terrivel da fatalidade: Portugal fôra em 1807 pela pusillanidade do Principe Regente D. João—abandonado ao dominio estrangeiro, e condemnado a soffrer o jugo e a suffocação de sua nacionalidade, que toda desapareceu ante o poder absoluto do Marechal Beresford. A nação Portugueza vio-se assim obrigada á curvar-se sob o peso dos males, que gravitavão sobre sua cabeça, e a orgulhosa metropole de outras eras veio agora por uma rotaçãõ caprichosa do destino á tornar se colonia d'aquella, que d'antes opprimira com os ferros do captiveiro—do Brasil.

O patriotismo porem, como o fogo celeste dormitava ainda sob as cinzas dos restos quebrados de sua nacionalidade: a compressão do poder da Inglaterra não havia podido soffocar o grito do patriotismo, e em 1820 os heroicos descendentes dos Affonsos e dos Albuquerque, erguerão-se em peso para reivindicar os foros postergados de sua patria e reaver sua existencia politica. Esse movimento, enquanto tendia só á levantar a nação Portugueza do estado de decadencia e aniquilamento, em que se achava, nada tem senão de grandioso e patriotico, e a historia em sua severidade inflexivel só tem á dispensar-lhe louvores e bençãos. Por uma fatalidade porem inseparavel das cousas humanas esse legitimo e generoso movimento da liberdade tomou uma direcção tortuosa e altamente reprehensivel, adoptando tendencias mesquinhas, que a desvirtuarão inteiramente, e fazendo-se acompanhar em sua marcha de vistas egoisticas e interesseiras, que profundamente a nodoarão.

Triste condicção a do homem, que mesmo nos episodios de suas virtudes appareça sempre o erro e o crime como um tributo pago á fragilidade congenita com sua natureza!

Para Portugal as cortes de 1820 exigião a liberdade, ao passo que para o Brasil querião e procurarão impôr a escravidão e o regresso a colonia, julgando com isso servir aos interesses portuguezes e levantar o seu commercio do estado de aniquilação, em que havia cahido durante as ultimas guerras. Este estado desagradavel e precario era pelas cortes attribuido á franquia dos portos do Brasil em 1808, e ao seu desenvolvimento florescente, para o qual olhavão com vivo ciúme e ressentimento, enchergando nelle a causa unica de seu regresso e decadencia: o orgulho de nacionalidade vivamente despertado e estimulado pela posição humilhante, em que se achavão então relativamente aos brasileiros a quem outr'ora dominarão como senhores, vinha mais avivar ainda essa funesta sisania.

Querião elevar Portugal á seu antigo auge de poder, e por um desvio do sentimento patriotico julgarão para isso indispensavel o monopolio do commercio do Brasil e o seu regresso aos tempos coloniacs: era a imagem negra do interesse, fazendo-se entrevêr por detraz das vestes brilhantes e fascinadoras do patriotismo.

Depois de haverem obrigado o Rei D. João VI á voltar contra sua vontade para Lisboa, e conceder as cortes á desenvolver seus vastos planos de recolonisar o Brasil—como o unico meio efficaz de restabelecer o florescimento de Portugal, e principiarão por fulminar contra este paiz uma multidão de Decretos fataes, que tendião todos á enfraquecel-o, e arrancar-lhe as vantagens, que lhe proporcionara o estabelecimento de um governo central em seu seio, e desatal-o em partes desconnexas para mais facilmente o reduzirem ao antigo regimen. Por um Decreto de 24 de Abril de 1821 declararão independentes do Rio de Janeiro todos os governos provinciaes, e procurarão cohonestar tão desarrasoadas

medida com o futil pretexto de que o Príncipe assumiria o poder absoluto. Logo que o podesse. Por mais dous Decretos—ambos de 29 de Setembro de 1821—forão supprimidos os tribunaes de chancellaria e do thesouro, a junta do commercio, e bem assim diversas outras repartições centras, que havião no Brasil pela estada do Rei, e foi ordenado ao Príncipe Regente, que se retirasse a Portugal sob o pretexto de fazer a sua educação politica viajando a Europa, e logo em seguida um decreto do 1.º de Outubro nomeava para cada Provincia do Brasil um governador das armas—delegado do poder executivo de Lisboa, porque—no seu dizer—este era indivisivel, e a 18 do mesmo mez se decidiu, que mais tropas embarcassem para o Rio de Janeiro.

Taes crão as medidas ominosas, de que lançavão não as côrtes portuguezas para esbulhar o Brasil de seus direitos e rodizil-o á antiga dominação colonial: era evidente que ellas envolvião a mais flagrante violação do pacto social do Reino Unido; como parte constituinte d'este—o Brasil tinha então em Lisboa os seus representantes, e entretanto sem se os ouvir decidia-se despoticamente de seus interesses.

A prepotencia e o arbitrio porem não podião triumphar: era tentar o impossivel: desde 1815 o Brasil formava parte integrante do Reino Portuguez, e desde 1808 fruiu as vantagens de uma vida politica e organização central: recolonis-o era attentar contra seus mais sagrados direitos, e ao mesmo tempo abalancar-se á uma impossibilidade historica: o paiz não estava mais, como em outras eras, sepultado na ignorancia para se deixar escravisar: tinha já uma somma de idéas sufficiente para fazel-o conhecer seus direitos, e velar na sua sustentação; com a abolição da censura em 1821—ainda em tempo de D. João VI—as luzes havião tomado um grande incremento, e feito entrever aos brasileiros a imagem da liberdade, que então circulava o mundo.

Apezar de nosso atrazo politico de então encontravão-se já no paiz intelligencias, que se punhão á par das exigencias da época, e que bem comprehendião as suas circumstancias para encaminhal-as ao desenlace sublime da Independencia, quando para isso se proporcionasse occasião. O filho do velho Rei fôra calculadamente deixado no Brasil para receber em sua frente a corôa, que porventura a revolução improvisasse, e é de todos sabida a falla que á seu filho D. Pedro fez—ao retirar-se do Brasil—o Rei D. João VI. Com o incremento das luzes, com a introdução das idéas européas, e com a presença de um governo central—o paiz haviã já apprendido á aquilatar devidamente as vantagens da vida politica, e os beneficios salutarés da bem entendida liberdade, e impossivel era já dizer á civilização, que parasse, e que recuasse até o tempo da escravidão colonial; para a Independencia faltava apenas um passo, e esse derão—no precipitadamente e sem o querer as côrtes de Lisboa—provocando o Brasil. Causa admiravel! Todos os grandes factos de nossa historia não são mais do que a repercussão de um grito, de um movimento feito na Europa! a sublevação de Minas em 1789 foi um êcho postoque sumido quasi da revolução de 89 em França; o facto da translação da Familia Real ao Brasil em 1808 partio da Europa; a nossa Independencia em 1822 foi provocada pelas côrtes—sendo quasi uma consequencia do movimento de 24 de Agosto de 1820; e os factos historicos mais salientes depois da Independencia não tem sido mais do que uma vibração dos movimentos politicos da Europa.

A cegueira das côrtes porem não encontrára êcho no Brasil; os interesses dos brasileiros e Portuguezes estavam seriamente compromettidos por tão graves acontecimentos. Aos brasileiros tornava-se evidente, que com a postergação de todos os principios se attentava contra seus mais sagrados direitos, e que era indeclinavel a necessidade de effusão de sangue para operar-se o movimento da Independencia—no caso da retirada do Príncipe; os Portuguezes por outro lado oppunhão-se vivamente á que esta se realisasse, porque antevião n'ella a appareição da Independencia, e o fatal Decreto, que a viesse sancionar. (\*)

Todas essas apprehensões removião-se com a presença do Príncipe Regente; as Provincias de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro pronunciarão-se abertamente ao Príncipe n'este sentido. E' então que a Providencia—zelosa do destino

(\*) *Vejá-se a falla, que á 9 de Janeiro de 1822 fez ao Príncipe Regente o Presidente do Senado da Camara—José Clemente Pereira.*

dos povos fez apparecer esse vulto grandioso, á quem commettêra a missão de nos libertar. Curvemos a fronte respeitosos ante essa imagem magestosa, que ali surge da tumba, e nos apparece radiante de gloria em nosso peregrinar pelo passado.

Toda idéa tem seu Apostolo; José Bonifacio de Andrada e Silva foi o Apostolo escolhido para a realisação de nossa Independencia. Apenas elle vê, que uma facção se ergue contra os direitos de seu paiz, sua intelligencia se revolta, seu coração estremece com as pulsações do patriotismo, e impellido por uma força superior—elle se levanta tãohem, e vem disputar ao despotismo a causa sagrada da justiça e dos povos. José Bonifacio foi o protognista d'este grande drama: não queremos cingir nossa fronte com louros porventura arrancados á nossos co-irmãos: fallando em seu nome reivindicamos uma gloriá brasileira, e servimos a causa da historia.

O futuro Patriarcha da Independencia colloca-se á testa do movimento, e corre á córte á apresentar os votos de sua Provincia ao Principe Regente: Rio de Janeiro e Minas unem sua voz a do distincto Paulista, e triumpha a causa do Brasil. O Principe tira-se de suas indecisões, e depois de se haver já aprestado para obedecer aos decretos das córtes—tendo até dado as providencias necessarias para a eleição da juncta, que lhe devia succeder no governo, apalçou devidamente o animo dos brasileiros, estudou as circumstancias e deixou-se ficar no Brasil.

Desde então a farsa da guerra estava ateadá entre as córtes e o Principe Regente; obedecer aos seus decretos era um cartel de desafio, que lhe ia provocar as iras, e uma vez lançado nos hasares da desobediencia não lhe era mais dado recuar, e sua posição o constituia na necessidade de aceitar tambem as consequencias do passo, que dêra, e acompanhá-las até o fim.

O Principe não podia parar no caminho, que havia tomado: ou bem perder o Brasil, que lhe acenava já com a corôa e o throno, obedecendo aos impolíticos decretos das córtes; ou bem desposar a sua causa, e aceitar a offerta dos brasileiros para se pôr a testa do movimento da Independencia. O facto de 9 de Janeiro o decidió á esta ultima resolução, e esudado nos grandes brasileiros, que este successo poz em relevo—elle prosseguiu animado na senda começada—convocando um conselho dos procuradores das Provincias para o aconselhar (decreto de 16 de Fevereiro de 1822); fazendo regressar á Portugal a esquadra, que o tinha vindo busear; accitando o titulo de—Defensor Perpetuo do Brasil (13 de Maio); e convocando finalmente (decreto de 3 de junho de 1822) uma Assembléa Geral—Constituinte e Legislativa do Brasil.

As córtes irritarão-se altamente com o procedimento do Principe, e responderão ás concessões, que elle fazia ao Brasil com represalias que bem traduzião o rancor, que as dominava. Por Decreto de 2 de Julho de 1822 mandarão, que se processassem os membros da juncta de S. Paulo, que havião assignado a representação de 24 de Dezembro do anno anterior, e por um outro de 19 de Setembro estatuirão—que o Decreto de 3 de Junho era illegal, e que serião processados os Ministros, que o refendarão; que as attribuições do Principe Regente passarião á uma regencia nomeada em Lisboa, e que elle perderia o direito ao throno portuguez, senão se embarcasse immediatamente para Portugal.

Era já tarde: os exforços do despotismo agonizante quebrarão-se ante a energia dos brasileiros, e o Principe Regente abandonado e desfeitoado pelo velho Portugal, e vivamente instado e apoiado pelo Brasil, cedeo ao Imperio das circumstancias, renegou a causa de seu paiz natal, e lançou-se nos braços dos brasileiros, que generosamente lhe offerterão um diadema, e firmou-se no solo que fóra out'ora o assento do despotismo—o Imperio de Santa Cruz—illuminado pelos raios brilhantes da liberdade, e repousando ufano nos hombros de seus heróicos filhos!

Honra á aquelles, que souberão conquistar uma pagina gloriosa nos annaes de nossa liberdade! Honra á aquelles, que nos dias dos nossos triumphos sobre a causa do despotismo entalharão seus nomes nos bronzes da historia, e os inscreverão no momento de nossa nacionalidade—reflectindo a luz radiante, que ella derrama sobre todos!

Elles tiverão em sua vida os soffrimentos, as lagrimas e o infortunio—como recompensa unica de suas acrisoladas virtudes. Nós porem, filhos gratos e re-

conhecidos, que gosamos o fructo de seus trabalhos e de seu sangue vasado nas dores do exilio, curvemo-nos respeitosaes diante de sua memoria, e vamos cobrir de flores o tumulo dos martyres, que por ella se immolavao no altar da Patria, nos deixarao o legado glorioso de uma Nacionalidade!

S. Paulo 10 de Março de 1836.

H. M.

## Como se póde considerar a embriaguez em Direito Criminal.

A embriaguez póde ser encarada pelo Direito Criminal debaixo de dous pontos de vista distinctos. Ou ella é um facto ou um estado. Considerada como facto, procura-se n'ella investigar a sua maior ou menor criminalidade, e em proporção d'essa criminalidade tal deve ser a pena que se lhe applique. A criminalidade, porem, da embriaguez em si não é de grande monta, principalmente a da embriaguez extraordinaria. Tal denominamos a embriaguez a que se entrega um individuo, não por habito ou vicio, mas n'um momento de esquecimento, por um descuido, uma imprudencia. Esta só quando offende a moralidade publica, quando escandalosa, (pois que seria um máo exemplo para a sociedade o deixar vagar pelas ruas um homem, que privado de razão, apresenta aos olhos do povo um espectáculo ignobil e ridiculo, e póde mesmo attentar contra a sua segurança), é que se torna digna de uma correccão. Todavia a correccão n'este caso deve ser ligeira.

Se a embriaguez extraordinaria mercee uma pena, por mais justas razões é d'ella digna a habitual, e a pena deve ser então tanto mais forte quanto mais grave se ostenta a criminalidade d'esta segunda especie. O continuo escandalo a que ella dá lugar, a inquietação em que sempre traz as pessoas que são obrigadas a testemunhal-a (por exemplo os vizinhos), finalmente a vida ociosa e dissoluta que sóem passar os que se entregão a tal vicio, são razões poderosas, titulos apreciaveis que convidão á repressão de um semelhante facto, mediante uma sancção penal, muito mais forte sem duvida do que aquella com que se pune o primeiro.

A embriaguez pois como um facto deve em regra geral ser punida.

A outra questão sobre a embriaguez, como dissemos, e da qual com especialidade nos queremos occupar, é consideral-a como um estado, um estado no qual se praticem crimes—pergunta-se então: póde ella absolver os réos accusados de taes crimes? será ella uma justificação completa ou simples circumstancia atenuante para o delinquente?

A embriaguez póde ser, e sempre o é, ou ligeira ou completa. Analyse-mos a primeira. Diz-se que um individuo está completamente embriagado quando, turbado pelos vapores de qualquer bebida alcho-olica, perde todo o uso da razão, identifica-se ao bruto, torna-se escravo de seus unicos instinctos animaes, cahe, por assim dizer, na infancia ou n'uma especie de demencia, como dizem alguns escriptores—então para longe toda a reflexão, para longe todo o calculo, para longe todo o pensamento. Estabelecido este ponte como uma verdade incontestavel, como pensar ainda ser um homem n'esse estado responsavel por seus actos? Seja embora o crime que elle então perpetre de horrorosas consequencias, um attentado monstruoso, um estupro, um incesto, um parricidio—o seu autor não foi um homem, foi um possesso, um animal, uma fera talvez e nada mais do que isso. Os males resultantes á victima ou á sociedade da ferocidade de um homem embriagado são como os estragos do raio, a carnificina do tigre, os naufragios causados pelas tempestades, males sem remedio, pois que tirar vindieta fazendo soffrer o seu autor é obrigar o homem sensato a responder pelos actos de um louco, a reflexão pela paixão, a virtude pelo vicio. Atrevemo-nos a dizer a virtude pelo vicio, porquanto não poucas vezes os mais brandos, justos e humanos no seu estado normal são os mais turbulentos, exaltados e ferozes quanto excitados pelo vinho.



E' portanto indubitavel que a embriaguez completa é não só uma excusa sufficiente para a não applicação da pena ao embriagado que delinquo, como ainda uma salvaguarda de toda a imputabilidade que se lhe queira attribuir.

Pelo que diz respeito à embriaguez ligeira, Chauveau e Rossi são de opinião que não servindo para justificar os crimes durante ella perpetrados, não pode entretanto deixar de attenuar a gravidade dos mesmos. Ambos convêm em que, comquanto semelhante embriaguez não roube ao homem a consciencia propria e do mal que pratica, tira-lhe o uso da reflexao, e é isto *quantum satis* para muito diminuir no agente a sua apparente criminalidade.

Com effeito, parece esta opinião razoavel. O primeiro elemento, e o primordial do crime é a intenção. Quanto esta mais madura é, mais ruminada, mais distante do facto de execução, tanto mais grave se nos apresenta o crime, (e é por isso que muito bem considerou o nosso codigo entre as circunstancias aggravantes a da premeditação), pois que de quanto mais tempo for a sua existencia, mais vontade mostrará por isso o individuo de praticar o delicto, e em consequencia mais perversidade, mais tendencia para o crime, mais malvadez de coração. Ora os crimes praticados na embriaguez ligeira são todos filhos da occasião, nascidos da sobreexcitação do cerebro e effervescencia do sangue, que produzirão os vapores alchoolicos, crimes tão depressa concebidos como executados, crimes a cuja pratica só preside a paixão e falta a reflexão—como pois não considerar esses crimes muito áquem da gravidade que apparentão?

Mas estes principios que acabamos de estabelecer acerca da embriaguez ligeira ou *media-embriaguez*, como a denomina Chauveau, são applicaveis a todos os casos?

Não. Casos ha em que esta especie de embriaguez, não apresentando o mesmo cunho que lhe suppozemos para sobre ella darmos a decisão acima, isto é, não sendo imprevisita, mas sim procurada e procurada para melhor realisação do crime já antes planejado, outra é a solução. Expliquemo-nos. A embriaguez é uma circumstancia attenuante para o crime durante ella praticado, quando, depois de embriagado, o individuo por provocação ou sem ella, mas sempre independentemente de todo o calculo ou projecto anterior a esse estado, dá existencia ao mesmo crime. A embriaguez de que aqui tratamos agora é a que um individuo, que se propõe a praticar um delicto, busca como auxiliar á execução do seu projecto criminoso.

Ou com o fim de ensurdecer as vozes da propria consciencia, ou com o intuito de encontrar no vinho ou outra qualquer bebida embriagante a dose de audacia necessaria para a pratica do crime, ou para desde já premunir-se de uma excusa ao delicto, póde o individuo buscar a embriaguez—mas em qualquer d'esses casos, por isso que a embriaguez só é procurada pelo agente como uma occasião mais azada, um instrumento, por assim dizer, para a realisação do crime—já não é esse estado uma circumstancia attenuante, ella agrava então o crime, pois annuncia no sujeito a premeditação. Tal é o pensamento de Chauveau expresso por formulas nossas.

E com effeito é isto tão evidente que dispensa maior desenvolvimento. Aqui ha calculo, segunda tenção, premeditação criminosos, pois que se buscou a embriaguez para a realisação de um delicto—ha a retenção do pensamento criminoso durante a embriaguez, tanto que tem lugar n'esse estado o crime tal qual se o havia concebido e planejado antes—ha pois o crime nos dous elementos impreteriveis que o constituem — intenção e facto material—crime que, longe de receber attenuação da embriaguez durante a qual é praticado, é por ella aggravado, pela circumstancia importante de indicar no agente premeditação para o delicto.

São estes os principios geraes de Direito Penal acerca da embriaguez, considerada como um estado durante o qual se pratiquem crimes.

Armados com elles, facil nos será produzir um juizo a respeito da veracidade ou inexactidão do conceito do nosso Codigo Criminal sobre a materia. Reservamos, porem, esta analyse para outra occasião.

(Continua.)

S. Paulo, Abril de 1856.

A. P. S.

## POESIAS.

### A um poeta.

Sentado, sobre as bordas solitarias  
Da campa que teus sonhos encerrarão,  
Escutas pensativo o murmúrio  
Do vento da descrença nos salgueiros,  
Que passa, de teu peito arrebatando  
Os ais agúdos que em teus labios tremem.

Enxuga, ó bardo, o pranto e a larga fronte  
Em que da inspiração te bate o raio  
Do mundo em menoscabo ergue soberbo !  
Não sabes que da dor as azas torvas  
Fatidicas, do bardo o berço roção  
E do desprezo a grita enfurecida  
Da cythara divina abafa as vozes ?

E' o nectar do genio o fêl do escarneo !  
Os louros que lhe dão queimão-lhe o craneo,  
E de todos maldicto, vagabundo,  
Vai seu caminho com a lyra em braços  
Ungindo com as lagrimas seus cantos !  
E' sina—Deos o quiz. De sobre o Gólgotha  
Tambem de sangue derramou-as Christo,  
Por fim resuscitou—reina nas turbas !  
Os bardos, seus profetas tambem tragão  
A lia amarga que vomita o insulto  
E as visceras lhes róe ! Isso qu'importa !  
Se o mundo os mata, o tempo os resuscita  
E na voz do porvir eternos vivem.

Não os entendem, não ! seu canto altivo  
Dos reis repercutindo nas orgias  
De seus palacios desmorona os tectos !  
Os grandes não os amão: suas lyras  
A' lisonja servil não votão brindes !  
Oh ! não os amão não ! São almas livres !

Seu amor é do ceo. Da terra as fadas,  
Levianas de mais para entenderem  
O que ha n'uma paixão de santo e fundo,

Querem protestos em pomposas frases,  
Aos seus caprichos homenagem cega,  
Linguagem insolente, gesto afoito,  
O olhar provocador e a voz sem pejo !  
O amor intimo e mudo, o que vem d'alma,  
Aquelle que se lê no labio tremulo,  
Na côr purpurea que calfica o rosto,  
De humidos olhos no languor sentido,  
N'um sorriso de dôr, n'um ai a furto;  
O amor que se traduz na fronte pallida  
Do que em febre penou compridas noites,  
Não sentem ellas, e se o dizem—mentem !

Qu'importa ! Canta só que Deos te escuta  
Do presente aos ephemeros prazeres  
Prefere os louros que o porvir te offerta  
Embora orvalhe-os tu com sangue ou lagrimas  
Soffre e canta. Da gloria o preço é este.

Solta o baixel no turbilhão do oceano,  
Qual aguia esvoaçando entre coriscos  
Affronta o temporal, dá panno aos ventos  
E o pelago transpõe no horror das trévas,  
Até que o vento afrouxe, aplaque a vaga  
E no seio de Deos dormir tu possas !

Do murcho amor que já doirou teus dias  
Nem as folhas siquer cuidadoso guardes,  
Do desalento as chuvas, ah ! não deixes,  
As chammas apagar em que arde o estro ;  
Não quebres tua lyra —ha objectos,  
Qu'inda em teu peito o enthusiasmo accendem :  
E' Deos—do bem a infinita origem—  
E' o povo que é rei e vive escravo,  
E' a sua esperança—a liberdade !

Dezembro de 1855.

*Felix Xavier da Cunha.*

### AO PÃO DE ASSUCAR.

Acceita n'uns versos sem arte ou cadencia  
Meu triste, meu rude, meu duro cantar  
Gigante, que o somno dormitas da morte,  
Que zombas potente da sanha do mar.

De forte, d'ousado, de rijo e valente  
De tudo o que é grande tu podes campar !  
C'oa fronte orgulhosa tu roças as nuvens,  
Co'as plantas repelles as iras do mar !

Gigante, que o somno dormitas da morte  
Teu sceptro de ferro quem hade quebrar ?  
Se tens por corôa milhares d'estrellas,  
Se tens o teu throno nas agoas do mar !

Lá quando o demonio da negra procella  
Co'as vagas revoltas te quer deslocar,  
Tu olhas, Gigante, tu ficas de pé,  
Tu zombas, tu ris-te das ondas do mar.

Dá quando nos ares lampejão coriscos,  
E os raios te passão na fronte a crusar,  
Não tremes, Gigante, não curvas a fronte,  
Desprezas os raios, quaes agoas do mar.

Tu matas, tu cortas, tu perdes o curso  
Dos ventos, das nuvens, que querem passar,  
Co'a fronte os arcanos devassas do céo,  
Co'os pés os abysmos tu sondas do mar !

Acceita n'uns versos sem arte ou cadencia,  
Meu triste, meu rude, meu duro cantar  
Gigante, que o somno dormitas da morte  
Que zombas potente da sanha do mar.

I. V. Ferreira.

Rio de Janeiro 1855.

### Se ainda te amo?

*Sa vie etait ma vie, et son âme mon âme;  
Comme un fruit encor vert du rameau détaché,  
Je l'ai vu de mon sein avant l'age arraché !*

(LAMARTINE.)

*Se te amo, mulher?— Não fui eu mesmo  
Que á teus pés derramei minh'alma ardente  
E cuidando beber alento e vida,*

Nos teus olhos sorvi delirio e morte?  
Não fui eu mesmo, que enchertei—insano!  
No pomar da esperança a flôr cheirosa,  
Entre espinhâes de dôr e de amargura. . .  
E no valle dos sonhos dormitando,  
Phantasei um ceu de huris formosas,  
Chamando-te princeza d'essa côrte ? . . .

*Se te amo, mulher?*—Já te não lembras  
Quando em risos de amor dava-te um cravo,  
E pedia o enlaçasses nos cabellos. . .  
E depois contemplava-te tão bella  
Co'essa nuvem de rosa em ceu de lucto?  
Ou quando nos salões de ardentes bailes,  
Tua luva eu beijava—tão mimosa,  
Inda quente da walsa ou dos teus seios,  
Que arfavam palpitando em fina tela?  
Não te recordas dos sarâus ruidosos  
E da douda schotisch na vertigem,  
Quando ebrios de prazer—quacs duas garças  
Desfloravamos sallas perfumadas,  
Meu peito juncto ao teu e o niveo collo . . .  
—Quasi que unidos no apertar de abraços ? . . .

Como perguntas pois—*se ainda te amo?*  
Não o sabes, botão de laranjeira  
Pallido abrindo ao sol da primavera?  
—Quem foi que te orvalhou amenos hymnos  
Sonhado no perfume das florestas  
Quando em ardente calma deleitosa,  
Dormias descuidosa em brando leiteo  
De alvas flôres e brisas odorosas?  
—Quem te euchia de rosas as madeixas,  
E te beijava a palma de noivado  
Que anciosa afagavas com teus mimos ? . . .

Não fui eu !?—Eu que amei-te com delirio ?  
Eu—que dei-te os meus sonhos de futuro  
E os longos dias de esperança infinda ? ! . . .

. . . . .

Era tão bella em sua primavera  
A linda rosa, que os jardins crearam,  
E mirrou-se, vergando á ventania,  
Na mais suave aurora da existencia !  
Era tão bello o cysne que cantava  
Sobre um tronco gigante, a imagem d'agoa,  
Sua sombra trahiu-lhe, e namorado  
Tombou no fundo abysmo—triste e pallido !

.....  
Mas como se abateu este edificio  
Que grimpava nos ceus acastellado ?  
Quem derrocou do veu da madrugada  
Doirada nuvem balançada ao vento  
Quando apenas o sol desbotoava ?

Ah ! não sei !—foi talvez minha desdita,  
Horosopo fatal, negro destino !  
—Hoje riem de mim;—zombam—insanos !  
Da febre delirosa de minh'alma ;  
E me apontam—qual louco desvaído  
Que fugiu do exilio—e dizem todos  
—Olhe o louco que amou e foi trahido !

Lindorf E. F. França.

## À RUSSIA.

*Viens donc, dernier vengeur du destin des mortels,  
Toi que la tyrannie osait nommer un revc !  
La croix dans une main et dans l'autre le glaive,  
Viens voir, à la clarté de ces bûchers errants  
Ressusciter un peuple et perir des tyrans !*

(LAMARTINE.)

Gangrenam-se os pulsos da Russia potente,  
E a sua bandeira rastêa no chão ;  
A Europa estremece—que o mundo contempla  
A gloria das glorias do Gallo e Bretão !

Na gran Sebastópol as balas se crusam  
Mil vidas ceifando sem medo e sem dó ;  
Nos campos da guerra baralham-se os mortos  
E os craneos partidos s'enrolam no pó.

Mais rubida a chamma volteia nos ares,  
Pedaços de ferro no ferro quebrando,  
Estalam espadas, retremem os campos,  
Colossos ingentes no chão desabando.

As carnes em tiras, ginetes morrendo,  
Alastram a terra no sangue ensopada,  
E as aguias da França, cobertas de fumo,  
Levantam o vôo na Russia alarmada.

As mães de joelhos—na campa dos filhos  
Não pedem p'ra Russia nem paz, nem perdão !  
Chorosas supplicam—do sangue vertido  
No solo da patria —resurja um Catão !

Que o genio dos povos, que dorme opprimido,  
De chofre desperta qual riço pegão ;  
Quebrando as algemas, que os pulsos roxeam  
A vil tyrannia derruba no chão.

E a Russia indolente—tranquilla dormia  
Nas minas do fogo—que atea o volcão,  
Aos pés esmagando seus filhos—que gemem  
Nos tratos do inferno da dura oppressão.

Não via das trévas do vil despotismo  
Romper essa aurora de luz mais brilhante,  
Que a espada quebrando de um throno de ferro  
Trocava em corôa do Mouro o turbante.

Agora de rastos afflicta soluça  
Nas vascas da morte pedindo perdão ;  
E a França responde n'um écho medonho  
Co'a forte metralha do surdo canhão !

Que á lucta, que empenham teus bravos imigos  
Não é só de thronos, de reis ou brasões,  
E' lucta—que a historia nos bronzes entalha,  
Deixando aos vindouros propectas lições.

.....  
O França pujante, nação prepotente,  
De luz do universo o mais bello clarão,  
Lertuba a mesquita, que á Europa deshonra,  
Da cruz de Deus vivo levanta o pendão !

Reforma esse povo, que vive esquecido  
Dos fóros de Patria, da doce igualdade !  
Nos sceptros partidos escreve com sangue  
Que o anjo dos povos só quer—liberdade !

Novembro de 1855.

*Lindorf E. F. França.*

---

I.

Adorei-te, oh mulher, iuda no berço,  
Onde o amor a innocencia desconhece :  
Talvez um crime seja amar tão cedo,  
Mas o amor a idade não respeita:  
Vi-te brincar alegre apenas pude  
Teu rosto juvenil beijar contricto,  
Senti minha alma abençoar o dia  
Que a luz do sol te fez brilhar nos olhos.  
Senti do amor a chamma sacro-santa  
O peito me abraçar, e eis resplandece  
Um raio de esperança em meu futuro.  
No coração vivia a tua imagem,  
Que do amor merecia um nobre culto;  
Cresceste sempre bella, e apenas pude  
A's tuas plantas me curvar humilde,  
Senti meu rosto enrubecer de pejo  
Pensando aquebrantar o meu orgulho,  
Tambem, mulher, coraste e vi teus olhos  
Convulsos scintillar e em mim fitar-se.  
Uma unica palavra proferis-te.  
Aviltado não fui, e então saudando



Do meu amor o exito feliz, amei-te,  
Como os anjos a Deos amão contentes,  
Como o filho á mãe ama soberbo,  
Como o homem adora a Cruz do Christo.  
E hoje que o meu porvir via brilhante,  
E hoje que amando-te, do mundo os vicios  
Desprezavas e á vida só me consagrava,  
Quereudo sempre ennobrecer meu nome,  
E á ti poder em merito igualar-me,  
O juramento aos pés calças convulsa  
E te lanças audaz nos braços d'outrem !

II.

Sim, a vida, mulher, aniquilas-te-me  
Viver não quero mais, a morte busco,  
Para termo do eterno soffrimento  
As ambições, que outr'ora floreseião,  
N'um peito de mancebo se dissipão,  
Porque n'uma alma, que despreza a vida,  
E n'um coração só cheio de pezares,  
Não póde florescer qualquer idéa,  
Que a felicidade queira enganadora.  
Morrerei de pezar e quando a morte  
Meu corpo sepultar na fria tumba,  
Busca, mulher, zombar de mim ainda  
Não quero as lagrimas, que teus olhos vertem,  
Porque na sepultura o corpo frio  
Se cobriria de vergonha eterna,  
E faria estalar o negro feretro,  
Que da tua perfidia o protegesse.  
Contempla assim risonha o meu cadaver  
Talvez a ingratição chorar te faça  
Não tremas, com satanica coragem,  
Qual no dia, em que me deste a morte,  
Em vez da vida, que, ha pouco, te pedia,  
Ri-te do corpo exangue á terra dado.  
Em pó se vire logo o meu cadaver,  
E o esp'rito se elevando em breve aos céos,  
A Deos sómente adorará p'ra sempre,  
Supplicando por ti, mulher ingrata,  
Que a perfidia cruel offereceste  
A quem um santo amor te dedicava.

S. Paulo 30 de Outubro de 1855

C. S.

